

VOL. III JANEIRO E FEVEREIRO DE 1897 N.º 1 E 2

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1897

SUMMÁRIO

NOTÍCIAS ARCHEOLÓGICAS DA PENINSULA DA ARRABIDA.

MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA.

ESTUDOS SOBRE PANOIAS.

A ARCHEOLOGIA EM EVORA.

ESTATUETA ROMANA DE HERCULES.

Este fascículo vai illustrado com 3 estampas.

Cantón de Granada	
Granada - GRANADA	
BIBLIOTECA	
Sala	15
Estante	4
Número	15

ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	_____
Sección	_____
Serie	REVISTAS
Libro n.º	92

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. III

JANEIRO E FEVEREIRO DE 1897

N.º 1 E 2

Noticias archeologicas da Península da Arrabida¹

No corrente anno a Comissão dos Monumentos Nacionais fez distribuir dois questionarios, publicados no *Arch. Port.*, II, 237, cujas respostas formariam um repositório interessantissimo de noticias dos mais variados generos, seriam o inventário de quanto ha de bom, raro e curioso disperso pelo país; infelizmente pouco ou nada se colheu.

Não tenho grande tempo para folgares, mas, aproveitando-lhe todas as parcelas, alcanço algumas vezes fazer nos campos de pousio uns respigamentos, cujos grãos aproveitados depois por mão experiente e habil podem vir a dar produção valiosa.

Propondo-me publicar o projecto das minhas respostas áquelles questionarios, de certo me não desvio dos intentos da Comissão, que não tinha em vista monopolizar noticias, mas, para interesse commum, segurar o que tende a cair no olvido, juntar o que ha disperso, fazer que se saiba o muito que se cala.

As industrias e as artes, mães fecundissimas, produzem sem cansaço e, geradoras por natureza, desprezam as suas criações. As sociedades humanas, no seu caminhar incessante, correm-lhes parelhas, mais se occupando do que ha de vir, do que do passado. Assim as memorias e monumentos dos velhos tempos vão-se apagando, como se fossem cousas inuteis.

¹ Este artigo foi escripto em 1893-1894; mas publica-se agora pela primeira vez.



As famílias religiosas, de uma vida que aspirava ao eterno, sem solução de continuidade e que ligava gerações a gerações, foram os mais ricos repositórios de notícias de todos os tempos e, com zelo extremado, guardavam quanto fallava da sua grandeza moral ou material: possuidoras de largos haveres, não alienavam as preciosidades adquiridas, e previam com cuidado a conservação dos monumentos e preciosidades artisticas de primeira ordem, de que eram senhoras.

A instituição dos morgados, que, por assim dizer, perpetuava as pessoas, também coube parte muito importante na conservação de monumentos, que escriptos em annosos pergaminhos, ou que, gravados na pedra, fallavam ás gerações numa linguagem perceptível a todas as gentes, por mais desviadas pelo espaço ou pelo decorrer dos seculos.

Extinctos estes dois valiosos perpetuadores da historia e das artes, urge sem descanso, nem demora, segurar por novos meios quanto tende a esvair-se.

Fazer o inventario das reliquias valiosissimas que ainda restam e que constituem cabedal de enorme valia, para legarmos á actividade dos que vierem a succeder-nos, seria grande serviço.

O campo da colheita é vastissimo, o paiz; tem de corresponder-lhe o numero de segadores e ainda assim o trabalho deve ser rapido e sem apuro, para avolumar-se, deixando a cargo de quem tiver de concatenar as noticias o demorado estudo de quanto foi adquirido.

Fragil é a flammula que tremula no tópo do mastro, mas basta apercêbê-la ao longe para sabermos que em baixo voga uma nau, que as aguas mal sustêm; do mesmo modo um fragmento de barro cozido, de um ferro corroído, de uma pedra trabalhada pela mão do homem nos pode levar ao descobrimento de uma povoação soterrada, cuja existencia nem se suppunha, ou se julgava desviada. Esse fragmento, inutil ao parecer, mostra-nos a civilização de um povo; esclarece, não raro, pontos confusos da historia da humanidade. E ha tanto que explorar! Pena é que no nosso Portugal o acaso seja o maior agente dos descobrimentos e que poucas explorações bem dispostas se tenham feito para se roubar á terra o que ella cuidadosamente esconde.

Eu, por mim, não posso contribuir com larga parte, mas se todos viessem depôr o seu obolo juntar-se-hia capital immenso para legarmos aos que nos succederem. Limitarei as minhas noticias á pequena península da Arrabida, ou só accidentalmente tocarei algum ponto conhecido fóra das lindas, que me imponho: serei contudo rigoroso na busca, e verdadeiro na exposição.

No que tiver de dizer, seguirei a ordem do questionario da Commissão.

1. Antas

Não sei que por aqui existam quaesquer antas, mas parece ter havido umas perto da antiga villa de Sezimbra em caminho de Azeitão. No registro das propriedades da igreja de Santa Maria de Sezimbra, feito em principios do seculo xv, ha dois passos que fazem crer na sua existencia ali. Assim: — *Affonso Vicente paga ás alampadas da egreja de S. Maria um foro de 50 soldos, da moeda antiga, de uma herdade que jaz nas ANTAS caminho de Azeitão* — *Affonso Vasques, pescador, paga um foro de 20 soldos de boa moeda antiga por uma vinha nos chãos acerca das ANTAS*. A designação de antas, ainda que se refira ao sitio, não foi de certo caprichosa, mas por ter havido no lugar alguns d'aquelles monumentos dos antigos habitantes da península. Actualmente, nem o nome já existe, sendo absorvido pelo de *Sampaio*, appellido dos senhores da quinta por este nome conhecida.

2. Cavernas ou grutas

Cavernas ou grutas naturaes encontram-se na parte meridional da serra da Arrabida. As mais notaveis são:

a) *A lapa do Medico*, na meia encosta do monte *Abraão*, á esquerda do caminho que vai da fonte de *Solitario* para o mosteiro pelo valle de *S. Paulo*. Tinha formosas estalactites e estalagmites, que foram destruidas na maior parte pelos visitantes. A parte superior foi habitação de um cenobita; o subterraneo foi descoberto ali por 1850 devido á queda de uma pedra, que fechava a entrada.

b) *A lapa de Santa Margarida*, junta ao mar. Tomou o nome da capella d'esta vocação, que tem dentro. É de bom accesso, muito vasta; robustas columnas naturaes parecem sustentar a cobertura dos rochedos.

c) *A lapa da Greta*, mais para oeste, que é invadida pelas aguas do oceano nas altas marés. Continha bom numero de metros cubicos de guano extrahido ha pouco. — Em nenhuma d'estas cavernas se encontraram ainda vestigios do homem prehistorico.

3. Grutas artificiaes prehistoricas

Existem na *Aldeia de Cima*, na *Quinta do Anjo*, perto de Palmella. São excavadas em rocha branda, tem a fórma hemispherica, com uma entrada ao rez do terreno inferior ao cerro; na parte superior ha um respiradouro largo. Foram exploradas pelos annos 1860 ou 1870. Os

vasos e os sílices ali encontrados conservam-se na Comissão dos trabalhos geológicos estabelecida no edificio da Academia das Sciencias¹.

4. Pedras de raio

As *pedras de raio* (instrumentos de pedra prehistoricos) são muito vulgares; d'antes appareciam bastantes nas encostas da cordilheira de montes, que corre parallela á serra da Arrabida; o seu apparecimento agora é menos repetido, e nos ultimos annos muito raro, devido ao facto de os amadores da especie levarem a maior parte. Tive uma que media 0^m,30 de comprimento por 0^m,21 na sua maior grossura. Eram mais communs as de menores dimensões².

5. Restos de povoação

Na foz da ribeira da *Ajuda* ou de *Aravil*, na garganta formada pelo cerro, em que se levantou a hateria de S. João Baptista, transformada em casa da commenda da *Mouguellas*, hoje propriedade do Conde Armand, e pelo monte, em cujas faldas passa a nova estrada para a *Torre do Outão*, encontram-se restos de edificações romanas, mais ou menos, conforme as aguas limpam ou assoreiam o leito da ribeira. Vêem-se fundos de pequenos tanques, ou quaesquer recipientes, construidos de argamassa, em que predomina o tijolo pisado. Fragmentos de objectos de barro ha muitos. Trouxe d'ali uma lamina de marmore branco de 0^m,05 de espessura, metade de uma malga ou tigella de barro escuro e um pedaço da argamassa cimentada, da que a cima fallo.

Como nestes restos ha muita analogia com os da fronteira *Troia*, convenço-me de que a povoação ali destruida se ligava á que na frente está soterrada, sendo mais ao sul a foz do Sado. Das medalhas de

¹ [Das grutas de Palmella existe uma noticia publicada no livro do Sr. E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, e outra manuserita, devida ao Sr. Antonio Mendes, collector geologico que trabalhava sob as ordens de Carlos Ribeiro; d'esta ultima colligi os trechos mais importantes no vol. 1 das minhas *Religiões da Lusitania*, que está para sair do prelo. — J. L. de V.]

² [Nas minhas excursões pelos arredores de Setubal tenho encontrado algumas, que estão no Museu Ethnographico Português; o Sr. capitão Márques da Costa, collaborador d-*O Arch. Port.*, e o Sr. Arronches Junqueiro possuem tambem algumas da mesma procedencia. O machado de que fallo o Sr. Rasteiro, creio que elle o offereceu ao Museu Municipal de Alcaer de Sal. — J. L. de V.]

Gracianus, Theodosius, Valentinianus, Arcadius e Honorius, encontradas nas explorações feitas pela Sociedade Archeologica Lusitana, vê-se que a povoação teve existencia até fins do século IV de Christo¹.

6. Moedas e outros objectos romanos

Em toda a península da Arrabida não é raro o achado de moedas romanas, sendo mais frequente o encontro nas proximidades dos montes e da serra. Sempre tão dispersas, que fazem crer haverem sido perdidas. Tenho visto muitas de bronze, e algumas poucas de prata, mas nenhuma de ouro. Tenho á vista uma em que se lê *Claudius Caesar Augustus* em redor do busto do imperador; é de bronze, tem de diametro 0^m,028 e de grossura 0^m,002; no reverso, menos bem conservado, ha uma figura apoiada a um escudo circular, ao que parece, e as letras S. C.² Outra, de menores dimensões, tem um busto coroado, muito perfeito, e no reverso a aguia; a legenda está completamente destruida. Tenho tido e visto muitas mais, encontradas em redor de Villa Nogueira de Azeitão, povoação, relativamente, de moderna data, e onde nem ha restos de velhas edificações.

Ao sueste do mosteiro dominico de Santa Maria da Piedade, logo fóra da cêrca, que era vasta, num sitio chamado o *Painel das Aluas*, descobriram-se, ao metterem-se umas bacelladas, algumas sepulturas com vasos de barro: isto seria por 1840, mas tudo foi perdido. Um das moedas, de que a cima fallo, é d'alli, encontrada ha poucos annos. Passa pelo local a estrada do *Hospicio*. As aguas do passado inverno (1894) fizeram-lhe umas excavações, em que vi grandes pedaços de telha, do genero *imbrex*, e de tijolos grossos: conservo dois tijolos perfeitos: tem a fórma de quarto de círculo, dos empregados na fabricaço de columnas cylindricas; medem 0^m,21 de raio por 0^m,05 de espessura.

Nas ruínas de Troia (defronte de Setubal) pôde-se dizer que abundam as moedas romanas; Alcacer do Sal é um verdadeiro thesouro.

¹ [Perto de Setubal existem tambem restos de um castro pre-romano e grutas prehistoricas, exploradas ultimamente pelo Sr. Maximiano Apollinario em nome do Museu Ethnographico Português; d'esses trabalhos, cujos productos archeologicos existem no Museu, se fallará em occasião opportuna: cfr. tambem *O Arch. Port.*, 247. A cêrca das ruínas romanas de Alferraz vid. Márques da Costa in *O Arch. Port.*, II, 10. — J. L. de V.]

² [Deve ser o médio-bronze de Claudio descrito por Cohen, *Médailles impériales*, 1.^a ed., vol. I, *Claudio*, n.^o 87: Pallas com capacete, dardo e escudo. — J. L. de V.]

Felizmente ha em Alcacer dois cavalheiros muito distinctos (padre Galamba e Correia Baptista) verdadeiros amadores, que nada deixam perder e que com as suas collecções auxiliaram a formação de um museu municipal. O Sr. Baptista tem uma collecção de barros, muito interessante; vi-lhe uma bonita urna cineraria, bastantes *pondus*, que, creio, serviam de dar tensão aos fios da trama dos tecidos. Tambem ali vi a ferragem de uma lança, ponta e couce, e o dente de um arado, tudo romano¹.

Os Srs. Gomes Polvora, em Setubal, tem uma bella amphora, sem defeito algum, encontrada na vizinha *Troia*².

No *Pinheiro*, propriedade de Mr. Bartissol, mostraram-me uma grande amphora, tambem em perfeito estado de conservação; foi ali encontrada soterrada e servia de habitação a uma familia de cobras.

7. Objectos e moedas arabes

Só conheço uma lapide de quarto de circulo, pertencente ao Sr. Correia Baptista, de Alcacer, achada ha pouco e com inscripção arabe. O encontro de moedas arabes por estes sitios é tão raro, que nenhuma conheço, o que é de admirar, pois aquelle grande povo dominou por seculos em quasi toda a peninsula hispanica e estacionou tanto nas proximidades do Tejo e do Sado.

8. Tradições locais

A baixo do eremiterio de El-Carmen, na vertente oeste da serra da Arrabida, ha um valle chamado da Victoria. Numa elevação proxima, e que fórma a quebrada do terreno, houve um *sacello*, ou pequenina ermida, dedicada a Santa Maria da Victoria, de que ainda existem restos. É tradição constante, que naquelle lugar se deu o recontro dos cavalleiros de Affonso Henriques, que marchavam á expugnação de Palmella, com os mouros de Badajoz, que vinham em soccorro de Sezimbra, já em poder dos portuguezes. Conhecida a situação do lugar

¹ [A collecção do Sr. Correia Baptista está hoje no Museu Municipal de Alcacer: á cêrca d'este Museu, devido sobretudo aos esforços dos dois mencionados Srs., vid. *O Arch. Port.*, 180; o Sr. Correia Baptista tem tambem publicado aqui interessantes artigos sobre as antiguidades de Alcacer. — J. L. de V.]

² [Em virtude da distincta amabilidade d'este Sr. e da d'outros que com elle, constituem uma sociedade industrial, á qual a amphora pertencia, esta foi-me offerecida para o Museu Ethnographico Português, onde já se acha. — J. L. de V.]

proximo do antigo caminho, que corria pelo grande valle formado pela serra da Arrabida e montes de Azeitão e que por aquelle lado communicava as duas povoações acastelladas, não repugna acceitar a tradição.

9. Designações locativas

— *Azeitão* é uma pequena região ao sul do Tejo, que comprehende em si a Arrabida e Coima-a-Velha. É de fórma triangular, tendo a base ao sul no oceano e o vertice proximo de Coima-a-Nova. Formou concelho autonomo por quasi um seculo, desde 1759 a 1855; era limitado ao oeste pelo Coima, que, nascendo junto de Calhariz, vae lançar-se no Tejo; o outro lado era a linha divisoria das commendas de Sezimbra e de Palmella. Em quanto fez parte do concelho de Sezimbra designava-se *Limite de Azeitão*. Comprehende vastos terrenos e diversas povoações lançadas ao longo da estrada de Palmella a Sezimbra.

— *Coima-a-Velha* é em Azeitão; designa um girão de terreno com a base no alto dos montes, aonde estão as ruinas do seu velho castello e as aldeias de Coima-a-Velha, Portella e S. Pedro. Formam os lados do girão as ribeiras do *Porto de Cambas* e da *Asenha da Ordem*. Esta ultima é o Coima, que em todo o curso segue com o nome dos lugares, que atravessa, só tomando o proprio quando se mistura com as aguas das marés¹.

— *Villa Nogueira de Azeitão*, assim chamada por haver sido sede do concelho de 1786 a 1855. Foi primitivamente *Aldeia de Nogueira*, isto é, o agrupamento das casas, officinas agrarias e habitações dos caseiros e lavradores da *Quintã de Nogueira*, pertencente aos Nogueiras, senhores do morgado de S. Lourenço de Lisboa, e que depois passou para a infanta D. Constança, mulher do infante D. Pedro, rei primeiro do nome.

— *Villa Fresca de Azeitão* foi chamada até 1759 *Aldeia de Villa Frêche*, creio que primitivamente era a *Aldeia*, ou, como se diz no Alemtejo, o *Monte da Quinta Fresca*, que no seculo xv foi propriedade do infante D. João, mestre de Sant'Iago.

— *Portella* é uma pequena povoação ao sul de Coima-a-Velha. Foi de certo a sua situação, que lhe deu o nome. É vulgar em Azeitão

¹ [A palavra *Coima* representa ainda, quanto a mim, a antiga *Equábona*, designação de uma conhecida cidade da Lusitania. A serie das fórmas, por que a palavra primitiva passou até hoje, poderá ter sido a seguinte: *Equábona* > **(E)quab(o)na* > **Cauna* > *Couua* > *Coima*. A pronúncia popular actual supponho que é *Cóima*, e não *Côima*, que é litteraria. — J. L. DE V.]

a palavra *portella* para significar uma cortadura no alto dos montes e lugar de passagem; assim ha: *portella da Cruz*, ou das *Necessidades*, *portella do Grillo*, *portella do Forno-da-cal*, *portella da Sardinha*, *portella da Lage* e a *portella* de que a cima fallei, já occupada pela aldeia.

Do mesmo modo se emprega a palavra *porto* designando passagem de ribeiras no fundo dos valles; assim: *porto da Larangeira*, na estrada de Azeitão a Setubal, com uma ponte de 1872; *porto da Villa*, na abandonada estrada de Azeitão a Sezimbra, com uma ponte do seculo passado; *porto de Cambas* na estrada que substituiu a anterior, com uma ponte de 1880 no lugar de outra antiga; *porto Velho*, alem de Coima-a-Velha, sem ponte. E no concelho de Sezimbra: *porto do Concelho*, perto da Apostiga, atravessado pela estrada de Sezimbra a Almada; *porto Calheiro* numa ribeira que vae desaguar na Albofeira.

—*Casal do Bispo* é uma propriedade nos limites de Coima-a-Velha, com uma casa no alto de um monte bastante elevado e junto das ruínas do velho castello de Coima. Chama-se *do Bispo* por haver pertencido a D. Belchior Belliogo, bispo de Fex. Este Belliogo estudou em Paris, leu humanidades em Coimbra, philosophia e theologia; escreven em latim com muita elegancia e pureza: cfr. adeante, pag. 36, nota.

10. Fortificações, ou edificios attribuidos aos Mouros na voz do povo

O *Castello dos Mouros*, ou *Jogo dos Mouros*, na serra da Arrabida. Fallarei d'elles no quesito «Montes fortificados». As *Covas da Moura* na quinta do Anjo, de que atrás já disse. O *Castello de Coima*, de que noutra parte direi. Uma represa de aguas no fundo da quinta da Moura, proximo á Ajuda, propriedades do Conde Armand.

11. Monumentos-palacios

—O palacio da Bacalhõa pela fórma e disposição das suas construcções, pelos seus azulejos e medalhões esmaltados, pela significação artistica do conjuncto, é um monumento a que bem caberia a guarda do estado.

—O palacio dos duques de Aveiro entra tanto na historia patria desde o seculo XVI, que é um despertador permanente dos factos, epochas e homens mais notaveis de Portugal. Edificado pelo mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, recorda D. João II, o *homem*, o *príncipe prefeito*, o grande rei e reformador. Occupado durante a dominação castelhana pelos duques Lencastres, rivaes dos Braganças, foi nelle que Filippe III veio em 1619 visitar os duques D. Juliana e D. Alvaro,

ao passo que se desviava do solar de Villa-Viçosa. Aqui nasceu o primeiro duque de Abrantes, tronco dos duques de Abrantes e Liñares de Hespanha; nasceu também D. Maria de Guadalupe, duquesa de Arcos e de Aveiro, distincta pelas suas qualidades, letras e genio artistico. O ultimo Aveiro, José de Mascarenhas, réo do regicidio de 1758, aqui foi preso com sua mulher, filhos e familiares. No palacio foi a custodia dos jesuitas, quando expulsos para Italia; d'aqui saíram para bordo do brigue S. Nicolau, continuando ainda custodia de outros padres, que sobrevieram. É renascença pura e pela epocha da sua edificação (fins do primeiro quartel do seculo XVI) seria nelle, talvez, que se estreou aquelle estylo sem mescla.

— O palacio de Calhariz, entre Azeitão e Sezimbra, é um magnifico e vastissimo edificio. Tem uma serie de salas que abrem sobre um esplendida varanda. Os *mezzanini* foram aproveitados pelo primeiro duque de Palmella para darem luz a grande numero de quartos para aposento do grande e escolhido sequito de que elle se fazia acompanhar. Esta obra, restauração do palacio e jardins, quadros, mobilia, foi dirigida pelos scenographos e architectos Rambois e Cinati; a remodelação da cultura dos vastissimos terrenos foi entregue a um milanês, Gagliardi; tudo cêrca de 1850. Na capella é notavel o altar de famoso mosaico e bellas columnas salomonicas de excellente marmore. Na quinta ha copadas alamedas, bons lagos, que imitam o natural e, ao norte do palacio, a pequena distancia, um formosissimo pinhal.

12. Igrejas

— Na igreja de S. Lourenço de Azeitão só existe digno de menção o azulejamento que representa a duas côres (azul sobre fundo branco) scenas biblicas; será industria portuguesa de fins do seculo XVII. Estes quadros são emmoldurados em largas tarjas festonadas de bom grôto e firme execução. Também ha na mesma igreja uma *Madona* de barro esmaltado, genero, ou mesmo produção de algum dos Della Robbia.

— A igreja de S. Simão tem as paredes cobertas de azulejo de variado desenho polychromo. É datado de 1648. As imagens da Virgem sob o título da *Saude*, a do orago e a do Baptista são em grande vulto de barro colorido; obras do seculo XVI.

13. Ermidas

— A ermida do Bom Jesus, na Arrabida, atrio, jardim circundante ornado de graciosas fontinhas repuxantes e povoado de cyprastes, é

tudo obra do segundo quartel do século XVII, mandada executar por D. Antonio de Lencastre, filho dos duques de Aveiro, D. Julianna e D. Alvaro. D'entre um polygono de 32 faces sae uma construção octogona, base de um pequeno e esvelto templo em fôrma de torre, de quatro faces com os angulos em quarto de circulo. Do alto saem quatro pyramides e do meio d'ellas a cupula hemispheroides forrada de azulejo, que por entre as agulhas dos altos cyprestes lança ao longe os raios do sol, que se reflecte no esmalte luzente da cobertura. Em redor do tempozinho corre um terraço, para que dão quatro portas. No anterior um altar de quatro faces occupa o centro da ermida e sobre elle está uma machineta ou pavilhão de talha dourada com a imagem de Jesus, menino. A imagem é pequena e dias ha, em que veste calção e meia, vestia e collete compridos de algibeiras com grandes portinholas pendentes. Trajo da epocha aproximada á edificação do eremitério. O pavilhão é de despropocionada grandeza e sobrecarregado de ornamentação, obstrue a parte superior do edificio, ameaça esmagar a pequena imagem e os adoradores, e, parecendo querer furar a cupula, torna inutil o trabalho de ornato, que poderia ter belleza num maior ambito.

—A ermida dos Remedios, na aldeia dos Castanhos, foi igreja do mosteiro de freiras dominicas de Jesus Bom Pastor, extinto em 1572. Conserva a antiga capella-mor de abodada artozoada, nos seguintes do arco ha dois medallhões com busto em alto relevo (*imagines clipeatae*); as camadas de cal de tal modo se accumulam sobre a pedra que não pôde avaliar-se do seu merecimento.

14. Tumulos

Num ediculo no estylo manuelino na nave do evangelho da arruinada igreja das freiras de Sant'Iago, em Palmella, existe a urna, em que se encerrou a ossada do Mestre D. Jorge de Lencastre. Foi, ha muito, violada. A urna pousa sobre dois leões, de que apenas se vêem as cabeças; mede de comprimento 0^m,10 e de alto 0^m,78, comprehendida a tampa com a espessura de 0^m,26. Duas columnas delgadas e torcidas como cordas, medindo 2^m,20 de alto, sustentam a volta composta do ediculo, distanciando-se 1^m,32.

Num lanço da parede do evangelho, e que o terramoto de 1755 poupou, na egreja do mosteiro de S. Maria da Piedade, em Azeitão, existiu até ha poucos annos uma urna cineraria de marmore preto dentro de um ediculo construido de marmores diversos. Encerrava os restos de Antonio da Gama e de sua mulher D. Isabel da Silva.

Tudo d'ali desapareceu, comprado por Francisco José Pereira, de Setubal. Desconheço a que foi applicado e o seu paradeiro. Da inscripção darei conta em seu lugar.

15. Cruzeiros

Na portella da Cruz, ou alto das Necessidades, na parte mais elevada da estrada de Azeitão para Setubal, ha um cruzeiro, de que tratei no n.º 44 da *Revista Illustrada*, periodico artistico-litterario de Lisboa. Esteve o cruzeiro por largos annos descoberto, até que no meado do seculo XVIII se construiu a ermida, que actualmente o guarda. Tem brasões e inscripção, que nos seus lugares darei.

Um cubo de alvenaria ordinaria, com que formaram um altar de quatro faces, deve encobrir o pedestal e (quem sabe) talvez a sepultura de Vasco Queimado de Villalobos.

16. Brasões

Na Bacalhõa existem por terra dois escudos de pedra, que seriam para sobrepôr nos portões do pateo de entrada do palacio. São ambos dos Albuquerque, mas diversos nas formas e moveis. Um, não acabado, é igual ao que vem nos *Commentarios*, faltam-lhe os leões, para o que se deixou a necessaria saliencia na pedra: é cruzado, tendo nas extremidades e centro da cruz cinco castellos; entre cada um deveria ter um leão. Nos quarteis vêem-se as quinas. O lavor está ainda tosco. O outro escudo está perfeito. É espartellado: no 1.º e 4.º quarteis as quinas e 8 castellos na orla, no 2.º e 3.º cinco lises em aspa. Este mesmo escudo, mas de formas caprichosas, encontra-se pintado no azulejo da galeria occidental do lago.

No tecto de uma das salas do pavimento terreo do mesmo palacio, chamada a *sala das armas*, ha pintado, no centro, este ultimo brasão, e nos outros caixotões do soffito o brasão dos Gómezes, o dos Noronhas, o dos Anhaia e o dos Castros.

— No cruzeiro da capella das Necessidades, do qual já atrás fallei, encontram-se quatro escudos distribuidos pelas quatro faces principaes da haste da cruz. Na face da frente ha um escudo em diagonal com as armas dos Villalobos — 2 lobos passantes; no chefe vê-se uma figura semelhante a um T, sobre o escudo um elmo aberto. Na face opposta, escudo uma cabeça de lobo. Na face da esquerda, escudo com um leão batalhante. Na face direita, escudo com barra saindo das duas cabeças serpes. Estes tres ultimos escudos caem perpendiculares á haste da cruz.

—Em Villa-Fresca ha uma quinta, chamada do Cesar, que no primeiro quartel do seculo XVII foi de Affonso Bembo, nella fallecido; meado o mesmo seculo era de João de Moura Fogaça, casado com D. Brites da Cunha, e depois passou para a familia Cesar de Menezes, de quem conserva ainda o nome. Actualmente é do Sr. Mariano Cyrillo de Carvalho.

Sobre o portão do pateo de entrada, demolido e agora refeito com mais modestas fôrmas, havia um escudo, que ali se conserva apeado. É dos Mouras Fogaças. O escudo é partido em palla. Na esquerda o brasão dos Mouras, sete castellos em tres pallas; num cantão sonistrado uma flor de lis. Na direita o brasão dos Fogaças: escudo franchado; no campo superior e inferior cinco pallas, nos lateraes em cada um uma fogaça.

—Na quinta Nova, da casa Palmella, ha sobre o portão as armas dos Sousas. Escudo quartellado, no 1.º e 4.º quartel as armas de Portugal, no 2.º e 3.º quadernas de meias luas. Sobre o escudo um elmo e ainda sobre este um castello com tres torres.

—Na quinta Velha, da casa Palmella, sobre o portão da casa ha o brasão dos Coelhos. O escudo pende diagonalmente como que de duas correias, que saem de um elmo, que está de frente: no centro um leão; no canto esquerdo superior uma estrella de cinco raios; na orla cinco coelhos. Esta casa era o solar do morgado, fundado por Pedro Coelho, secretario do mestre D. Jorge e por sua mulher Margarida Cotta e que foi dos Sousas Calharizes pelo casamento de D. Leonor de Mello Coelho com D. Antonio de Sousa.

—Na quinta das Torres, sobre a porta principal do pateo, ha um escudo oval, cujo campo agora é occupado pelo monogramma do actual proprietario (Dr. Manuel Bento de Sousa). Até 1879 teve o brasão dos Côrtes Reaes, antigos senhores da casa. Escudo quartellado: no 1.º e 4.º quarteis as quinas, mas era notavel que em vez dos chamados cinco dinheiros, cada uma das figuras continha dez e os castellos da orla eram nove. No 2.º e 3.º quarteis seis costas e no chefe uma cruz de largos braços.

—Na rua da Misericordia, á esquerda de quem sobe, está um portão, entrada da casa que faz esquina, e no seculo passado era de Fernando de Moraes Madureira Machado Pimentel; sobre esse portão ha o escudo do senhor da casa: pôde encontrar-se a repetição em poder do Dr. Henrique da Gama Barros, procedente das ruinas do mosteiro de Santa Maria da Piedade e que estava no fecho do arco de uma das capellas da igreja derribada pelo terremoto de 1755. O escudo é quartelado, tendo o 1.º quartel partido em palla: numa a torre com bandeira, noutra

uma arvore [Moraes]; no 2.º quartel dois cães com uma flor de lis na frente e por de baixo doze arroellas em tres pallas [Madureira]; no 3.º cinco machados em aspa [Machados]; no 4.º quartel cinco vieiras em aspa com a bordadura de oito cruces [Pimentais].

—Na casa do despacho da freguesia de S. Lourenço existe uma cadeira de couro, que pertenceu ao mesmo fidalgo, e no espaldar tem um brasão com suas variantes: escudo partido em palla, na esquerda a torre e a moreira; a parte direita é quartelada, no 1.º e 4.º quartéis um leão, no 2.º e 3.º os lisos.

—Em frente da quinta da Bassaqueira, entre muito lagedo ali disperso, existe uma lapide procedente da igreja dos dominicos e que cobria a sepultura de Fabio de Coxatti, capitão da guarda tudesca dos duques de Aveiro, D. Juliana e D. Alvaro. Tem um escudo oval, na bordadura oito aspas alternadas com lagrimas, no campo dois leões em pé e entre elles uma perna nua, no chefe tres estrellas de oito raios.

—Sobre o portico do palacio dos Aveiros resta ainda parte da corôa ducal; do escudo só existe a pedra informe, por ter sido picado depois da condemnação do duque Mascarenhas.

—Nos restos do vizinho mosteiro dominico está servindo de poial uma pedra com as armas dos Gamas: escudo com tres peças em faxa e cinco em palla. Era da capella que Duarte da Gama tinha na igreja.

—Em poder de Bernardino de Brito está um brasão, que fechava o arco de uma outra capella da mesma igreja. Escudo partido em palla: na 1.ª divisão as armas dos Coelhos atrás descritas; na 2.ª seis besantes numa cruz dupla; no centro uma cabeça que sustenta uma torre, que poderá ser a dos Farias, alcaides-mores de Palmella, entrados na familia dos Coelhos por D. Leonor, mulher de Antonio Coelho. Timbre: o leão com o coelho nas garras.

—Sobre o portão do pateo do palacio da Torre, dos Cunhas e Ataíde, condes de Povolide e de Sintra, estão as armas dos Cunhas com a corôa de conde. No campo do escudo nove cunhas, na orla cinco pequenos escudos com as quinas. Era cabeça de morgado instituido por Ruy Gomes da Gran, governador da casa da *Excellente Senhora*, e veio aos Cunhas pelo casamento de D. Isabel de Meneses, filha do instituidor, com Simão da Cunha, senhor de Povolide.

—Na aldeia de Irmãos, sobre o portão da quinta da familia Gomes de Oliveira, avós do fallecido Oliveira Martins, ha um escudo com as armas dos Novaes Campos. O escudo pende em diagonal, é partido em palla: na primeira uma aspa occupa todo o campo, na orla oito pequenas aspas, sahindo da que occupa o canto superior esquerdo tres

folhas lanceoladas; na segunda tres cabeças de leão em roquete. Timbre: uma aspa. Inferiormente ao brasão lê-se 1722. Até além do meado do século XVIII existiram em Azeitão dois irmãos, o Dr. Antonio de Novaes e o Dr. Agostinho de Novaes Campos. Este, que era homem de merecimentos porque se lhe confiou a custódia dos jesuitas no paço dos Avoiros, falleceu repentinamente em 18 de Junho de 1765; seu irmão Antonio, em 8 de Fevereiro de 1781.

—Sobre uma porta do palacio da quinta da Conceição ha o brasão dos Cremer, igual ao que estava sobre o portico do palacio incompleto da quinta do Peru. Escudo partido em palla: na primeira uma ave, como cegonha, sustenta no pé direito erguido uma pequena esphera; na segunda, em baixo, um pequeno passaro, a meio uma estrella de cinco raios, mais a cima dois outros passaros e no canto superior esquerdo um lis. O brasão do Peru tinha no timbre uma ave igual á do escudo e por de baixo d'este, numa fita, a legenda *unquam perfectum*. Antonio Cremer veio, pela guerra da successão, de Hespanha para Portugal por commissario geral dos almirantados das provincias unidas; foi depois pagador das tropas hollandesas, e, feita a paz, continuou em Portugal. Em 1725 arrematou o fabrico da polvora para o exercito, para a marinha e fornecimento geral do pais, para o que estabeleceu officinas em Alcantara, junto a Lisboa. Em 1729 começou a laboração da fabrica de Barcarena com motor hydraulico, tudo obra de Cremer. D. Pedro II foi-lhe afeiçoado e D. João V muito o distinguio. Numa sala do palacio da Conceição ainda existem os retratos de Antonio Cremer e sua mulher D. Catharina Sophia Vanzeller, dama muito formosa.

—No fecho do arco do ediculo, em que se achava a urna cineraria de que atrás fallei, e que estava num pano de parede da derribada igreja dos dominicos, havia um escudo quartelado: o 1.º e 4.º quartos, quarteis nus; no 2.º e 3.º, um leão rompente [Silvas].

—Abandonado, mas que teria pertencido á capella dos Minas na mesma igreja, encontrou-se nos entulhos outro escudo quartelado: no 1.º e 4.º quarteis, as quinas; no 2.º e 3.º, um leão rompente.

—Em Sezimbra, na parede dos paços do concelho, por cima do chafariz publico que ali existe, ha uma pedra com brasão mal relevado. Não consta que a Sezimbra fosse concedido brasão de armas, mas tem-no, pelo que se vê: castello com tres torres; sobre a central uma aguiá pousada; por debaixo, num campo, uma lebre que corre olhando para trás.

17. Imagens de pedra

A que por aqui conheço, digna de menção, acha-se na sacristia da igreja parochial do castello de Sezimbra e, não ha muitos annos ainda, estava exposta á veneração no altar-mór da igreja de que era orago, lugar e primazia, de que foi deposta por outra imagem de madeira. É no genero byzantino e acha-se pintada a côres. É de notar como as ideias dos tempos influiram na maneira de designar a mãe de Jesus. Quando no principio da monarchia portugueza se edificou a igreja de Sezimbra, chamou-se-lhe de Santa Maria; assim eram as de Almada, Alcaer e Palmella. Sancho I, no seu testamento, legou dinheiros, ou objectos de culto, ás igrejas de Coimbra, de Alcobaga, de Lisboa, de Braga, do Porto, de Evora, de Viseu, de Lamego e a mais cem, todas da simples vocação de Santa Maria. Naquelles tempos Maria era a santa por excellencia; posteriormente julgou-se melhor dar-lhe titulo heril, e, como se a virtude não valesse mais do que o senhorio, todas as imagens de Maria foram chamadas de Nossa Senhora. Santa Maria de Sezimbra passou a appellidar-se Nossa Senhora da Consolação. De admirar é como depois ainda não lhe tenham dado o *dom*. Eu conheci um *explicadissimo* cantor de ladainhas, que, reduzindo a portuguez o *Sancta Dei Genetrix*, dizia, muito a serio e conscio da sua grande perspicacia, *Santa Dona Eugénia!*

A veneração pela mãe do Christo vem de longe. Pela adaptação da basilica romana a templo christão foi o sanctuario collocado na *abside*. Pelo seculo XI ou XII, a *abside* cedeu o lugar a uma grande capella dedicada á Virgem Mãe. D'aqui vem chamar-se áquella parte do templo *capella-mór*, isto é a maior ou a principal. O velho portuguez corrompen a palavra *abside* em *obsia*, *oussia*, e *ousia*.

—A imagem de Santa Maria da Arrabida tambem não escapou á sorte commum, chama-se agora Nossa Senhora da Arrabida. Foi toda de pedra e estava assentada. Aos frades do mosteiro não agradou a posição e mandaram-na reformar, ponde-a de pé, e o que teve de acrescentar-se fez-se com madeira. Esta transformação deu causa a uma questão, na imprensa, como agora se diria, entre o chronista arrabido frei Antonio da Piedade e o auctor do *Sanctuario Mariense*, frei Agostinho de Santa Maria.

18. Imagens de barro

—Na freguesia de S. Simão as imagens do patrono, de S. João, e de Nossa Senhora da Saude são de barro, em grande vulto, mas de merecimento artistico, que se não avantaça.

—Na igreja parochial de S. Lourenço, como já atrás disse, ha uma bella imagem de Maria, de barro cozido esmaltado, genero das *Madonas* produzidas no seculo XVI pelos esculptores ceramistas italianos. É de proporções naturaes. No *Jornal do Commercio*, n.º 11:782, de 1893, dei noticia d'esta imagem.

19. Pinturas em tela

—Na mesma igreja existe um grande quadro, que fecha a boca da tribuna do altar-mór, servindo-lhe como de moldura o retabulo, que é de talha em carvalho dourada, estylo de fins do seculo XVII. O quadro representa a *ceia*. É desconhecido o outro; não deixava de ter, porém, merecimento, especializando-se nalgumas cabeças.

—Nas paredes da mesma capella ha mais quatro quadros enunoldurados em largas faxas de talha dourada. Representam passos da vida do orago da igreja; alguns parecem-me superiores ao antecedente e serem de procedencia hispanhola.

—No altar em que está a *Madona de terra cotta* ha dois quadros que representam os santos Francisco de Assis e Domingos de Gusman; são antigos, bordados a seda sobre panno e procedem do espolio da igreja dos vizinhos dominicos.

—Na igreja da Misericordia existe uma grande tela que representa a visita de Santa Isabel e marido á Virgem e S. José. É de 1763 e obra do pintor Francisco Pinto Pereira, auctor do Santo António da capella do paço das Necessidades. Garante-lhe a authenticidade uma lembrança, que se acha lançada num livro do respectivo cartorio, em que o escrivão da Mesa, dando noticia das obras feitas na igreja por 1738, diz: «Em 17 de fevereiro de 1743 foi collocado na bocca da tribuna da capella-mór um quadro da Visitação de Santa Isabel, pintado por Francisco Pinto Pereira, tendo de valor 725000 réis, custou á irmandade 383400 réis porque o restante deu o auctor de esmola».

—No oratorio do palacio da Conceição ha duas telas bem conservadas, sem assignatura nem signal de auctor. Representam uma Santa Catharina, outra a Virgem. Não serão preciosidades, mas trabalhos bem correctos, e parecem do mesmo auctor. São de principios do seculo XVIII.

20. Custodias

Na igreja parochial de S. Lourenço existe uma custodia de prata sobredourada com o pé em fôrma de calix e o tabernaculo a modo de templo, cuja cupula hemisphericoide é sustentada por quatro columnas. Não se lhe conhece nome nem marca de ourives. A visitação da Ordem

de Sant'Iago de 1534 já a menciona descrevendo-a assim: «Huma costodia de prata toda dourada de côr demxofre. O pé oitavado em bicos abertos, laurado de ramos e estremos. O nó do meio redondo damages, a charolla quadrada com quatro pillares e seu guardapó em cima, por remate huma cruz cem um crucoficio. Dentro meia lua. Dois alfinetes e cadeas de prata branca. Pesou com as vidraças douse marcos e trez onças e tem huma caixa» A descripção é tão extraordinaria, que só á vista do objecto se vê o que é o pé citado, etc., o nó... damages, etc.

21. Outros objectos de culto

Na igreja parochial de Sant'Iago de Sezimbra ha uma naveta de prata com fórma dos navios do seculo XVI, com os seus castellos de pôpa e de prôa, que tem merecimento pelos annos que representa e por ser já pouco vulgar na fórma. Ha outra de latão, tambem de feitio pouco commum e com certa originalidade. Existe na mesma igreja uma cruz processional de prata, antiga, mas que não remonta aos tempos da naveta de prata. Já não tem haste, nem os respectivos tocheiros ou cereaes. Foi a que poudo escapar á rapina dos francezes no principio do presente seculo. Em quanto durou a occupação inimiga esteve escondida numa sepultura da igreja. A base da cruz é quasi espherica e ornada de folhagem e cabeças de anjos, por de baixo tem um corpo de enormes dimensões de igual fórma e ornamentação; uma cinta estreita e apertada separa os dois corpos. Sobre aquella base ha uns ornatos singelos, como que para dar mais fixidez á cruz toda cylindrica terminada nos extremos superiores por capiteis corinthios. Na frente tem um Christo mal tallado. A base e adjunctos são de prata rebatida, os capiteis fundidos. Será trabalho do seculo XVII.

22. Tapeçarias

—Na Misericórdia de Azeitão ha um tapete bastante grande, que parece de fabrica hispanhola, se não é artefacto nacional dos produzidos em Arraiolos. É antigo na casa e esteve por tempos em estimação, ignorantemente descurado depois, foi roído pelos ratos, está immundo e coberto de pingos de cêra, mas não é de todo perdido, nem falta de valor. Como um Aveiro, o marquês de Porto Seguro, foi dos fundadores da Misericórdia, e todos os senhores d'aquella familia lhe continuaram protecção, é possível, que o tapete fosse dadiwa de alguns d'elles e, pelas ligações de todos com Castella, lembro-me que o tapete seja de procedencia hispanhola.

— Na mesma igreja ha uma casula tecida de seda e prata.

— Na igreja de S. Lourenço ha um frontal do mesmo tecido.

O que agora enumero tão curtamente, dava farta colheita ha meio seculo apenas. Azeitão era terra fidalga, como lhe chamou Oliveira Martins; nos seculos XV, XVI, e XVII regurgitava-lhe a fidalgaria nos seus palacios bem petrechados de precioso mobiliario e adornados de quanto de bom vinha da Asia e da Flandres. A queda do dominio hispanhol e a enthronização dos Braganças foi uma torrente forte, que rapido varren aquellas gentes das suas casas de Azeitão, e da precipitação da retirada de envolta com a esperanza do restabelecimento do passado resultou o abundante espolio abandonado á guarda de criados, que mal conheciam o valor dos objectos, que lhes eram confiados; a volta dos senhores foi-se espaçando, a morte levou-os sem voltarem a suas casas, os successores ignoravam por completo o que nellas ficára, e, pouco a pouco, quanto havia de bom passou a novos possuidores, que mal curavam, e que nem mesmo cuidavam da riqueza adquirida.

Ainda até meado do seculo actual era grande a quantidade de porcelanas da India por todas as casas ainda pobres, e em poucas tambem deixavam de encontrar-se ricas colchas e panos da mesma procedencia, que não condiziam com a qualidade, condição e têres dos possuidores. Por occasião da procissão *Corporis Christi* não se encontrava janella sem o seu cobertor de damasco, ou melhor tecido, mais ou menos rico, de formosas bordaduras. Era uma exposição capaz de chamar, agora, numero avultado de amadores. A cama do hospede era sempre destinado um cobertor de damasco, ou uma colcha de seda. Ha ainda muito poucos annos um pano de Arrás fazia um corredor de passagem numa cozinha.

Tudo isto se escapou tão sorrateiramente, que não deixou rastros.

*

Aproveito o lugar para, como subsidios para a historia, dar noticia das tapeçarias e aleatifas dos Almadas da Casa da India, conforme um inventario de 1735.

D. Luisa de Eça Côrte Real, senhora do morgado de que era cabeça a quinta das Torres, em Azeitão, casou com Christovão de Almada. Tiveram filhos, que morreram sem geração e, por fallecimento de D. Luisa, o seu viuvo passou a segundas nupcias com D. Felippa Maria de Mello.

Christovão de Almada affeição-se a Azeitão, e por aqui passava tempos.

Entre outros filhos, teve D. Maria Antonia de Almada, que succedeu na casa de seu pae e casou com D. Bernardo de Noronha. E, porque não tinham casa propria, adquiriram em 1696 a quinta da Mal-partilha, que D. Maria Antonia depois juntou ao morgado dos Almadás do Outeiro da Boa-Vista, em Lisboa.

Por morte de D. Bernardo, a sua viuva veio estabelecer residencia permanente em Azeitão.

Entre outros filhos, tiveram D. Theresa de Noronha, que, enviando de D. Antonio de Noronha, veio viver com sua mãe, assistindo-lhe á morte em 1720, e, passando depois para Lisboa, foi a primeira mulher de Sebastião José de Mendonça [como reza o inventario], mais tarde Marquês de Pombal.

A administração de D. Maria Antonia e D. Bernardo foi tão desregrada, que, a não serem os privilegios vinculares, a seus filhos succederia a miseria.

Succeden-lhes seu filho D. Francisco de Almada, nascido em 1700, casado em 1716 com D. Guiomar de Vasconcellos, filha do sexto conde da Calheta, e fallecido em 1730. Tomando aos 20 annos conta da casa, por morte de sua mãe, continuou o mau systema de administração usado por seus paes, e não deixou menores dividas, apesar das grossas rendas dos seus morgados, bens da corôa e ordens e provedoria da Casa da India.

O genio dissipador d'estes senhores ainda tinha o merecimento de consumir valiosas quantias em objectos de arte.

Como aqui tenho de fallar apenas de tapeçarias, limitar-me-hei a ellas, seguindo textualmente a descripção do inventario, para se poder julgar do seu valor no estado de conservação em que se achavam.

— «Armação de panos de Raz, antiga, de padrão grande, de 7 panos irmãos, da *historia de Jacob*. Está muito damnificada. Tem de queda 5 covados e de roda 42 covados e uma terça, que faz de armar 211½, que se avaliou cada arma no estado, em que está a 900 réis, que importa tudo 190\$350 réis».

— «Armação moderna de Raz fino de 6 panos irmãos da *historia de Ulysses*, que tem padrão e tem pelas cercaduras das cabeceiras arcos de flores e nas cercaduras de baixo umas Ninfas mettidas na agua. Tem uma damnificação de costuras e alguns buracos de traça, um d'elles tem um buraco podre no pescoço de uma figura. Tem de queda 5 covados e de roda 30½ covados, que faz de armar 152½, avaliada cada arma a 1\$900 reis, que em todo importa ser 289\$750 réis».

— «Armação de Raz fino, antiga, de bom padrão, de seis panos irmãos e estes muito damnificados por terem alguns buracos de ratos

e costuras descosidas. Tem de queda 5 covados e de roda 36 covados, que fazem de armar 185, avaliada cada *arma* no estado, em que está a réis 16200, que a dinheiro importa em 2235000 réis».

— «Armação de panos de Raz, finos, antigos, *de jardins e bosques* e muito vistosos, teem algumas damnificações. . . . e alguns buraquinhos de r.^{as} Tem de queda 4 covados e de roda 32 covados, que fazem de armar 128 covados. Cada *arma* no estado, em que está, a 15600 réis importa a dinheiro 2045800 réis».

— «Armação de panos de Raz, antiga, de padrão, de 7 panos irmãos *da historia de Gerião*. Está damnificada nos pretos e tem alguns buracos de r.^{as} com remendos e teem os ditos 7 panos tarjas redondas nos cantos. Cinco d'elles teem de queda 4 1/2 covados e 2 são de 4 covados de queda, teem de roda todos 32 covados, que fazem de armar 141. Avaliada cada *arma* no estado, em que está, a 15400 réis, faz tudo 1975400 réis».

— «Pano de Raz, antigo, *de montarias*, está damnificado e tem um buraco grande roto no meio. Tem de queda 4 covados e sexma e de roda 5 1/6 covados, que se acha avaliado em 15000 réis».

— «Trez panos de Raz, velhos, desirmanados e um d'elles não tem cercadura, por uma ilhargia, que foi cortada e todos 3 teem bastantes buracos de roçarem e outros de podres. Teem de queda 4 1/2 covados avaliado tudo em 25700 réis».

— «Sobreposta de Raz fino, *de figuras*, tem um buraco de ratos na cercadura da cabeceira e está damnificada redor pelos pretos. Tem de queda 3 covados e 2 1/2 covados. É forrado de. . . . azul, tudo avaliado em 15800 réis».

— «Pano de Raz grosso, moderno, de padrão curto, muito deformado e abatido de côres. Tem de queda 4 covados e de roda 6 covados avaliado em 65000 réis».

— «Entrejanella de Raz grosso, moderno, *de paizes*, tem algumas costuras descosidas. Tem de queda 4 1/2 covados e de roda 2 covados avaliado em 25000 réis».

— «Trez sobreportas compridas de Raz de rasgo rapado, antigas e muito damnificadas de buracos e costuras, duas feitas de panno curtado e estas duas teem de queda 3 1/2 covados. Teem de roda todas trez 24 1/2 covados, avaliadas no estado, em que se acham em 75200 réis».

— «Quatro sobreportas de Raz fino, *de figuras*, com suas cercaduras á roda; todas 4 irmãs e estão damnificadas nos perfis pretos e as ourellas maltratadas. Teem de queda 2 1/2 covados avaliados em 245000 réis».

— «Quatro sanefas de Raz fino com figurinhas pequenas e guarnecidas de velludo verde e franjas de retroz verde, todas forradas e duas d'ellas teem uns buracos de ratos e teem de queda, de meio e de roda, todas quatro, 23 covados menos uma sexma, avaliadas no estado, em que estão, em 155000 réis».

— «Duas sanefas de Raz fino, antigas, irmans, 15500 réis».

— «Trez sobreportas de Raz fino, de figuras, que serviam de almofadas 45400 réis».

— «Sobreporta de raxa rapada feitas de trez folhas de almofada pegadas umas nas outras, de figuras e maltratadas nos perfis pretos e costuras. Tem de queda covado e meio e de roda quatro covados avaliada em 35000 réis».

Segui o texto do inventario, porque, alem de mostrar que não bastava uma armação de pannos de Arrás para adorno de uma sala, mas que havia quem possuísse collecções numerosas, marca-nos o seu valor na epocha, ensina-nos a maneira de os medir, chamando á altura *queda*, á largura *roda* e á medida quadrada *arma*. A falta d'estes termos não era sentida por se desconhecer já, mas importa á terminologia artistica e officinal, que, se ainda não é pobre, conserva-se apenas usada na officina e quasi totalmente ignorada cá fóra.

Continuarei ainda colhendo do inventario o que elle nos diz de *alcátifas e tapetes*.

— «Alcatifa da India, de Dias, moderna, com pouco uso, avaliada em 4005000 réis».

— «Duas alcátifas da India, de Dias, modernas, com pouco uso, de bom padrão avaliadas em 9005000 réis».

— «Duas alcátifas irmans, da India, firmas de Dias, modernas, bem matizadas de flores, com cercaduras verdes de rosas e e teem cadilhos de seda já desbaratadas e uma d'ellas com as *confrontações* declaradas a folhas 118 verso, avaliadas em 605000 réis».

N.B. Na enumeração das outras alcátifas ha mais referencias ás *confrontações* lançadas noutro lugar: não as achei, mas penso que por essa palavra se querará dizer medição e descripção minuciosa.

— «Alcatifa da India, de Dias, etc. avaliada em 155000 réis».

— «Alcatifa da India, nova, de Dias, moderna, 195000 réis».

— «Alcatifa da India, de Dias, 245000 réis».

— «Alcatifa da India, de Dias, 125000 réis».

— «Alcatifa da India, de Dias, 125000 réis».

— «Tapete novo de Hollanda, feito no norte, com uma rosa grande no meio e é muito vistoso. Tem um buraco num canto de um palmo em quadrado, que se acha avaliado em 605000 réis».

—«Tapete de Hollanda, novo, 45\$000 réis».

—«Quatro tapetes pequenos da India, modernos, com cercaduras brancas, 20\$000 réis».

—«Alcatifinha da India, de Dias, nova, sem damnificação alguma e sem cadilhos, 16\$000 réis».

Deixaram de ser avaliados alguns objectos por estarem empenhados em casa de alguns credores e entre elles:

—«Alcatifa da India, irman de uma, que está em casa do desembargador Manoel Henriques Sacoto em caução de 240\$000 réis».

—«Em poder de Luiz de Mesquita Alcoforado umas portas de cortinas amarellas em caução de 81\$600 réis».

—«Em poder de Gabriel Valdez uma armação de panos de Raz de penhor a juro de seis e quarto por cento da quantia de 144\$000 réis».

—«Em poder de Thomaz Corrêa Monção duas armações de panos de Raz em caução de 240\$000 réis».

—«Em poder de Simão da Silva Rebello duas alcatifas da India em caução de 69\$000 réis».

—«Duas alcatifas na mão do desembargador Manoel Henriques Sacoto em caução de 400\$000 réis».

Neste inventario, feito por obito de D. Francisco de Almada, faz-se menção de uma cama, que sua mãe lhe deu, por occasião do casamento, assim: «Leito de ebano com paramento de damasco carmesim com franja de ouro—uma colcha do *Malabar* com matizes de ouro—e outra colcha de matiz branco e franja de ouro—um cobertor de setim bordado de matizes—e toda a roupa, tudo da India».

O inventario seria objecto para lição demorada. Não deixa de ser interessante na parte descriptiva da galeria de quadros dos Almadás Carvalhaes; no entanto limitar-me-hei ao que fica dito, porque mais não podia ter cabida nas respostas a um questionario, que lhe é estranho.

23. Inscrições

Na parte do questionario referente a *Antiquidades românicas ou goticas* pede-se noticia de sepulturas e inscrições.

Não sei que haja na península da Arrabida inscripção, ou sepultura da epoca requerida; não me parece, todavia, ocioso, nem fóra de proposito, dar noticia de quantas inscrições conheço, de tempos relativamente modernos e que já tendem a cair no olvido ou a desaparecer, quer de lapides erguidas, quer de campas sepulcraes.

—Sobre a porta do castello de Paimella, numa lapide, lê-se:

Reinando el rei D. Pedro II mandou fazer esta fortificação o duque do Cadaval, mestre de campo general junto á pessoa de S. Mag.^{da} mandando as armas de Setubal e Cascaes e sendo capitão general da cavallaria da corte e provincia da Estremadura e dos conselhos de estado e guerra de S. Magestade e do despacho das mercês e expediente, presidente do tribunal do tabaco, mordomo mor da rainha D. Maria Sophia 1689.

Claro está, que esta fortificação é a exterior, accommodada ao uso de artilheria e novo systema de guerra.

—Na igreja dos freires de Sant'Iago, junto ao arco do cruzeiro, numa campa sepulchral:

Sepultura de João de Brito de Mello e de sua mulher D. Isabel de Barros Coelho e de seus filhos e descendentes.

Na mesma campa ha um brasão: escudo partido em pala; na 1.^a seis bezantes entre uma cruz dobrada [Mellos], na 2.^a nove lisonjas em 3 palas e em cada pala um leão [Britos].

—Junto do altar da epistola:

Sepultura de Manoel Lobo Teixeira e de sua mulher D. Josepha Ribeira.

O braço d'esta campa é: escudo com 5 lobos em aspa, na bordadura 9 aspas.

—Do mesmo lado, no fundo da nave, ao lado da porta principal do templo, campa com braço toscamente lavrado e a inscripção seguinte:

Aqui jaz Pero Lopes de Goes, fidalgo da casa do senhor mestre de Sant'Iago, duque de Coimbra, filho d'el rei D. João, foi cavalleiro da Ordem de Sant'Iago e se finou a 15 de setembro de 1514.

—A meio da nave central:

Sepultura de Alvaro de Carvalho, cavalleiro da Ordem de Sant'Iago e de sua mulher D. Micia Romba, falleceu elle a XXI de fevereiro de 1584 e ella a X de dezembro da mesma era.

O braço d'esta campa é: no escudo uma estrella entre uma quaderna de crescentes, no chefe um peixe e por de baixo a palavra

—RÖBUS. Timbre, uma ave.

Na pedra que serve de porta ao carneiro, lê-se:

Feito por seu filho Francisco Romba de Carvalho. 1589.

—Na soleira do arco da capella, que ha a meio da nave do evangelho, lê-se numa lapide—S. DO LED.^o B.^{to} M., que poderá interpretar-se: «Sepultura do lecenceado Bento Martins».

—A seguir, nontra pedra da mesma soleira:

Aqui jaz Dom Mendaffonso de Lameide, prior-mor que foi da Ordem de Sant'Iago e falleceu aos XXIII de fevereiro de 1546.

— Ainda noutra pedra lê-se:

Aqui jaz D. Diogo de Gouveia, prior mor que foi d'este convento e Ordem de Sant'Iago, do conselho de el rei D. Sebastião nosso senhor, embaixador d'el rei D. João III em o concílio de Trento. Falleceu n'este convento a 2 de abril de 1576.

— Na pedra junta ao pilar direito do arco lê-se: *Porta.*

Diogo de Gouveia, o moço, para o distinguir de seu tio do mesmo nome, foi em 16 de dezembro de 1538 eleito reitor do collegio de Santa Barbara em Paris, *por unanimidade e inspiração do Espirito Santo; era scientifica pessoa e gentil-homem perfeito.* No principio de 1540 deixou a direcção do collegio e em seguida a França.

— No tecto, logo por cima da porta principal do templo, no ferro que veste o vigamento do côro, acham-se os seguintes versiculos:

1.º *Temperantia in pastus surgit anima.*

2.º *Charitas non sibi sed aliis.*

3.º *Liberalitas omnibus pervia.*

4.º *Constantia onusta virescit.*

— Logo ao sair do templo está uma campa com brasão. O escudo, em diagonal, é quartelado; nos 1.º e 4.º quartéis dois cardos floridos entre dois leões [Cardosos], nos 2.º e 3.º as armas dos Coelhos, já atrás descriptas. Timbre uma cabeça de leão com um cardo na bocca.

Por debaixo tem a seguinte inscripção:

Sepultura de Francisco Coelho Cardoso e de Beatriz Gomes sua mulher e de todos seus descendentes, que dantre ambos nacerem. O qual serviu as ordens de Sant'Iago e de Aviz em tempo do mestre D. Jorge e dos reis D. João III, D. Sebastião e D. Henrique e de secretario nos capitulos geraes, que em seus tempos fizeram estes princepes e assim de visitador das Ordens.

— No frontispicio do chafariz á entrada de Palmella lê-se:

Publicae utilitati | C. D. | S. P. Q. R. | sub auspiciis | Mariae I | MDCCXCII. |

Consultei no archivo municipal d'aquelle extincto concelho muitos livros das vereações, mas não achei a leitura das letras. Eu, para mim, li: *C(onsilium) ou C(ollegium) D(ecanorum) ou D(uumvirovum) S(ibi) P(osteris) Q(ue) R(efecit) sub auspiciis Mariae primae. 1792.*

— Um escudo das armas portuguesas encima o pelourinho da antiga villa e por baixo lê-se: 1645.

— Ao redor do sopé da Cruz das Necessidades ou das Vendas [a primeira designação vem-lhe da capella que abriga a cruz, a segunda da aldeia proxima] de que atrás fallei tratando de cruzeiros, lê-se a seguinte inscripção em gothico relevado:

Per serviço de D. Vasco Qimado de Villa lobos fidalgo da casa de rey e guarda mor q. foy do ifante dñ P.^a he camareiro e do cõcelho dos duques Filipe he Carlos de Burgoña mādou poer aquy esta cruz. era IIII.C.LXXIIII [1474] anos. Rogae a D.^a per sua alma.

—Sobre a porta do pequeno forte da Arrabida lê-se:

Governando estes reinos e senhorios de Portugal o muito alto e poderoso principe D. Pedro, nosso senhor, mandou pelo marquez de Fronteira, do conselho de guerra, seu gentil homem da camara, veedor da sua fazenda, mestre de campo general da Cõrte, Estremadura, Cascaes e Setubal fazer esta fortaleza para defenza d'esto porto santo da Arrabida e seus marcos. Anno 1676.

Por ordem de S. M.^a foi tudo reedificado desde os alicerces, feitas as estradas de novo e se acabou em MDCCXCVII.

—No meio da igreja do mosteiro da Arrabida ha uma campa sepulcral que diz:

Este logar escolheu p.^a seu iazigo o exm.^a sñor o duque D. P.^a arcebispo e inqurizador geral. falec.^a em 25 de abril de 1673.

Este era o duque de Aveiro D. Pedro de Lencastre, que succedeu no ducado a seu sobrinho D. Raymundo.

—Na esphera, sobre que pousa a imagem symbolica do frei Martinho de Santa Maria, á entrada do mesmo mosteiro, lê-se:

Effigies fratris Martini a Santa Maria, qui in hoc Barbarico monte et sancto loco primum canobium hujus sanctae religionis capucinatorum de Arrabida sic fundavit anno 1542 et Dominus Alvarus, quartus¹ dux de Aveiro et tercius patronus hujus sanctae provinciae ut memoria tanti viri et filiorum ejus in posteros permaneat typum posuit anno Domini 1622. Attendite ergo filii ad petram unde excisi estis. Isai. 51. V. I.

—Em El-Carmen, na parede de uma casa junta da capella, havia uma pedra com a seguinte inscripção:

Estas casas mandou fazer a irmandade do Setubal e se acabou a obra no anno de 1611.

—Numa lapide, que se achava por de baixo da urna cineraria na caida igreja do mosteiro de Santa Maria da Piedade, lia-se:

Nesta sepultura estão os ossos de Antonio da Gama do conselho de S. Mag.^a e de sua mulher D. Isabel da Silva, a qual mandou aqui pôr sua filha D. Antonia da Silva na era de MDCXIII.

—Noutra lapide encontrada nos entulhos na capella da Encarnação, da mesma igreja, lia-se:

¹ D. Alvaro foi o quarto duque da família Lencastre, mas o terceiro na serie dos duques de Aveiro.

Esta casa de N. Senhora é obrigada a dizer duas missas contadas e trez resadas por dia de Todos os Santos pelas almas de Alvaro de Mascarenhas e de Micia de Vasconcellos sua mulher, que aqui jazem sepultados, cujas santa gloria hajam.

— Numa campã de marmore da Arrabida lê-se:

Aqui jaz Alvaro de Mascarenhas.

— Noutra igual:

Aqui jaz a decota Micia de Vasconcellos.

— Numa pequena lapide de marmore branco lia-se:

Sepultura de Henrique Pereira, commendador-mór da Ordem de Sant'Iago e de sua mulher D. Isabel Pereira, os quaes fundaram esta capella e a dotaram com missa quotidiana.

— Numa lapide ellyptica de marmore branco, caiada de vermelho, lê-se:

Aqui jaz o padre frey Estevam Leitão pae d'esta provincia, falleceu a 22 de março de 1537.

— Numa campã de calcareo branco, com um brasão de que atrás tratei, lê-se:

Sepultura do capitão Fabio de Coxath, cavalleiro professo da Ordem de Christo, alcaide-mor de Castro Verde e de D. Paula, sua mulher, já defuncta e herdeiros¹.

— Numa lapide grande procedente da mesma igreja, lê-se:

Esta capella é de Joronyma da Silva, dona ricca, que ficou do licenciado Diogo Gomes, ouvidor que foi das commendas do mestrado de Sant'Iago e villas e das terras do infantado do ducado de Aveiro, onde falleceu servindo o dito cargo e se mandou enterrar na sua capella de S. João Baptista na egreja de S. Domingos da dita villa, onde ordenou se lhe dissessem cincoenta missas cada anno com camola consagrada em certa fazenda, que n'ella tem—E n'esta capella de N. S.^a das Neves se mandou enterrar a dita instituidora d'ella com suas filhas donzelas e do dito seu marido Maria Gomez da Silva e Felippa Pinta e mandou que do dia em que Deus for servido leva'la para si em deante se lhe diga n'ella missa quotidiana por suas almas para o que deira renda e fabrica, como consta do seu testamento².

— Numa campã no corredor da sacristia para a velha igreja, lê-se:

Aqui jaz Francisco Ferreira secretario do duque D. Jorge.

¹ O capitão Fabio falleceu a 26 de novembro de 1631.

² O ouvidor Diogo Gomes baptizou uma filha, Maria, em 9 de novembro de 1626.

—Num nicho á parte direita da mesma sacristia, lia-se:

Hic iacent ossa sor. Isab. Bragança.

—Na campá que occupava o centro da casa do capitulo, lia-se:

Aquí jaz Ruy Gomes da Grã, que foi governador da Excelente Senhora, do conselho d'el rei e D. Maria de Menezes, sua mulher, que foi camareira da mesma Senhora.

Estes conjuges instituiram o morgado da Torre em Azeitão e que pertenceu aos condes de Povolide, de Sintra e ultimamente de Valladares.

—Na mesma casa do capitulo ao lado da epistola noutra campá, lia-se:

Aquí jaz Tristão da Cunha.

Era neto de Ruy Gomes da Grã.

—A capella do evangelho, que formava um dos braços do cruzeiro da igreja, era a sepultura dos marqueses das Minas. No centro havia uma grande campá de marmore raiado de branco e vermelho, em roda uma larga tarja de basalto preto; não havia nella qualquer inscripção ou escudo de armas. A lapide já não existe, mas sob o entulho ainda estará o carneiro e as ossadas do 1.º marquês das Minas, D. Francisco de Sousa, que foi embaixador de Pedro II ao papa Clemente, depois de ter feito com brilho as campanhas da restauração: era filho de D. Antonio de Sousa, nascido em Azeitão e baptisado em S. Simão a 17 de outubro de 1615 e de D. Maria Telles de Menezes; a ossada do 2.º marquês, D. Antonio Luis de Sousa, commandante do exercito colligado, que entrou em Madrid a 25 de junho de 1706; e os restos do 3.º marquês D. João de Sousa, que fez as campanhas de Castella e foi morto em Lisboa em 1722. A campá foi tirada do seu lugar pelos annos de 1872, e ainda d'ella conhego restos que formam uma janella elliptica.

—No sino do mesmo mosteiro, e que actualmente se acha no campanario da igreja de S. Lourenço, lê-se;

Sendo prior frei Theodoro de S. Joana de Vasconcellos, Anno 1768.

Na igreja parochial de S. Lourenço, sobre os estrados da capella-mór, ha 14 campas com inscripções. Partindo da porta da sacristia lê-se: na

—1.ª *Aquí jaz Luiz Antonio que esta terra mandou e ninguem se aggravou d'elle. Falleceu a 31 de maio de 99 [1599] E jaz tambem Antonio Barrocas seu genro. É dos herdeiros de ambos.*

—2.ª *Sepultura de Pero Pinheiro e seus herdeiros. 1581.*

—3.ª *Sepultura de Anna Fernandes de Mesquita, sogra de Alvaro Nunes. 1569.*

—4.^a *Sepultura de Fr..... Alvares mariscal do duque de Aveiro e de seus herdeiros. 1561.*

—5.^a *Sepultura de Estevam Barreiros e de Mécia Dias, sua mulher, a qual mandou fazer seu filho Estevam Barreiros, cavalleiro fidalgo da casa de d'el rei nosso senhor. Era de 1591 annos.*

—6.^a *Sepultura de J.^o P.^o cavalleiro fidalgo da casa de S. M.^{de} e de sua mulher Simão Corrêa e de seu filho, a qual campa mandou pôr seu filho Manoel Correa P.^o cavalleiro fidalgo da casa de S. M.^{de}.*

—7.^a *Sepultura de Luiz Alvares e de Maria Philippe sua mulher e herdeiros.*

Aos pés d'estas sepulturas ha outra ordem de campas:

—1.^a *Sepultura de Duarte Serrão e de sua irman Brites Antunes, que falleceu na era de 1594.*

—2.^a *Sepultura de Gil Fernandes Tavares fidalgo da casa d'el rei e de seus herdeiros.*

—3.^a *Sepultura de Gaspar Dias e seus herdeiros.*

—4.^a Fica no centro aos pés da 3.^a anterior e não tem inscripção.

—5.^a *Sepultura de Custodio Pereira, sua mulher e herdeiros. 1616.*

—6.^a *Sepultura de Diogo Pires e seus herdeiros.*

—7.^a *Sepultura de Antonio Niculas.*

Junto do cruzeiro do adro da mesma igreja está coberta pela terra uma campa, em que se lê:

Sepultura de José Felix Falcão cavalleiro fidalgo da casa de S. M.^{de}

Este cruzeiro, que substituiu o primitivo [1344] derribado por um temporal em 1724, tem gravadas as mesmas lettras do anterior—*F. S. V. M.*, que uns lêem *F(uit) S(alvator) V(nicersi) M(undi)*, outros *F(ilius) S(emper) V(irginis) M(ariae)*.

—Num sino da torre está escripto:

Este sino deu Francisco Ferreira de Sousa sendo juiz da irmandade do Santissimo em o anno de 1784.

—No pelourinho da Villa Nogueira, na face norte do fuste da columna, lê-se:

Fidelissima regina D. Maria imperante senatus crexit. Anno 1786.

*

Na igreja parochial de S. Simão havia bom numero de sepulturas com campas, entre outras a dos Ferreiras de Passos, um descendente dos quaes foi ha poucos annos administrador da casa de Bragança; com as reformas da igreja, porém, todas as campas tem sido tiradas,

ou mudadas de lugar. Numa pedra ainda se encontra a seguinte inscripção:

Sepultura de Estevam Pegado de Valladares e de sua mulher D. Dorothea. 632.

Aproveito o lugar para desfazer um logro, que está preparado para os incautos, nuns manuscriptos que se encontram na Bibliotheca Nacional de Lisboa e que pertenceram ao theatino D. Manoel Caetano de Sousa.

Fallando da igreja de S. Simão de Azeitão, escreven D. Manoel: «Affonso de Albuquerque fundou a igreja de S. Simão de Azeitão e Nuno de Mendonça está enterrado na freguesia de S. Simão no lugar, em que hoje está a tribuna».

Um falsario qualquer, querendo dar aquella igreja por depósito das cinzas illustres do grande homem, aspiou as palavras precisas para alcançar o seu intento; contudo não o conseguiu, porque eu pude ler através dos traços, o que primeiro se havia escripto, concorrendo para isto as tintas, que eram diversas e que o tempo em vez de amalgamar mais distinctas tornou.

Na igreja parochial de S. Pedro de Palmella, junto ao guarda-vento, á esquerda, numa lage do chão, lê-se:

Miserere mei. Debaixo d'esta pedra elegu jazigo e o pede a S. M.^{de} por emola Luiz Feio Barrocas prior d'esta egreja de S. Pedro, em cujo tempo foi reedificada por el rei o S.^o D. João V das cinzas, a que a reduziu o lastimoso incendio, que n'ella houve em 10 de abril de 1713 sem lhe deixar pedra, que pudesse servir; e cuja obra durou até o anno de 1747.

—Na entrada do mesmo templo ha as seguintes inscripções:

Sepultura de Antonio Ribeiro e de sua mulher e de seus herdeiros. 1598.

Sepultura de João A.^o Moscacho, de sua mulher e herdeiros. 1604.

Numa campa na capella junta á sacristia da igreja dos freires de Sant'Iago lê-se:

Capella e jazigo do prior Paulo de Paiva Freire.

—Na capella da quinta do Anjo, e que hoje pertence á casa dos duques de Palmella, ha uma campa em que se lê:

Nesta capella se mandou depositar o padre Jacintho de Mello descendente dos senhores d'este morgado da Fonte do Anjo para ser trasladado para a capella maior do convento dos padres agostinhos, a que

deixa dado principio na villa de Setubal, tanto que capaz de se poder fazer esta transladação.

—Sobre a porta de um terraço, da casa da commenda de Monguellas, junto da Ajuda, propriedade do conde Armand, ha uma lapide com a seguinte inscripção:

Esta plataforma de S. João pelas utilidades, que d'ella se conhecem para a defenza d'este porto, villa e castello, mandou fazer aqui João de Saldanha, governador das armas d'esta villa e sua comarca. Desenhou Sebastião Pereira Frias, engenheiro de Sua Magestade. Anno 1680.

—Sobre o portão da quinta do Dr. Francisco Carlos da Silva Campos foi posta uma lapide, encontrada enterrada, em que se lê:

Deo adiuuante labore meo que hoc mihi contingit. 1580.

Na costa do Espichel, proximo da Baleeira e da fortaleza da Barralha, quasi junto ao mar, ha um lugar chão, aonde se vêem umas paredes desmantelladas e restos de construcções: são os destroços de uma ermida do Senhor Jesus dos Navegantes, que já ali existia em 1741 e de uma casa conventual, que uns homens, que se davam a titulo de monges, ali quizeram estabelecer em fins do passado seculo, e d'onde foram expulsos em 30 de setembro de 1792 pelo corregedor de Setubal e juiz de fôra de Sezimbra, em virtude do decreto do dia 8 de agosto, que baixou da Junta da casa do Infantado. As imagens foram levadas para a igreja de Santa Maria do castello e ainda hoje alli se festeja a imagem de Jesus dos Navegantes.

—Encontram-se no lugar do pequeno mosteiro, derribado pelo tempo, tres pedras trabalhadas; uma tem:

Imagem de Christo de tosco meio relevo, que mostra haver estado assente na face de uma parede.

—Noutra pedra, tambem por alli abandonada, lê-se:

Jesus, Maria, José, quem vos ama vosso é. P. N. A. M.^a pelas almas.

Sobre esta inscripção ha uma figura das almas toscamente aberta na pedra.

—Em outra lê-se:

Luz é Christo, Christo..... [palavras que não podem ler-se]. 1751.

—Sobre a porta de uma casa inferior de uma bateria cylindrica da fortaleza do Cavallo, que defende a bahia de Sezimbra, numa grande lapide, lê-se:

Reinando D. João IV em Portugal e mandando as armas o príncipe D. Theodosio e as de Setubal e seu partido João Nunes da Cunha etc. . . . esta fortaleza de S. Theodosio, sendo capitão-mor Francisco de Mattos Machado, vedores o juiz de fora Francisco Salgueiro de Moraes, Manoel Carvalho de Vargas, Manoel Farto de Oliveira e Antonio da Cruz da Silva, engenheiro Sebastião Pereira Frias. Anno de 1652.

— Sobre a porta principal da fachada leste do palacio do Peru, proximo de Azeitão, lê-se:

Ego Antonius Cremer plantavi, Apollo rigavit, sed Deus incrementum dedit.

— Sobre a mesma porta, pelo lado interior, numa grande lapide por de baixo de um nicho aonde estava uma grande estatua de madeira, lê-se:

*Em Hollanda me arnei de caçadora
e, vagando por bosques dilatados,
chequei, de varios climas concedora,
á fermosa dilicia d'estes prados,
aonde, da fragante e bella Flora
dôcemente benquista nos agridos,
faço, por circumstancias tão discreta,
ociosa juntamente aljava e seta.*

— Numa lapide sobre a porta da pequena capella ou oratorio do palacio da Conceição, proximo do antecedente e construido pelo mesmo Cremer, lê-se:

*D. O. M. | Nec non | Intemerata conceptioni | immaculatae Virginis
deipare | sacellum hoc | D.^{mo} Antonius Cremer | Ordinis Christi eque
rei archithalassiae | uniturum Belgii regionum | ab omnibus negotiis
in Lusitania | ut et | uxor ejus carissima | D.^{na} Catharina Sophia Van
Zeller | crexerunt | in devotionem tum propriam quam vicinorum | præ
terea edificarunt adjunctas aedes | ad otium proprium | ac | quos Numen
benigne concedat | ad vitam quietam posterum | quam ob rem hortum
quaque hic plantarunt | ipais kalendis maii CIOECCXV | quando pax
publicaretur | inter Lusitaniam et Hispaniam | lapis fundamentalis po
situs est | ac die VIII septembris ejusdem anni | prima cerimonia | ibi
religiosissime sunt habite | Accipe Virgo tibi quas sacravimus aras | nec
espernas parvum Dica benigna donum. |*

O que em portuguez será:

«D. Antonio Cremer, cavalleiro da Ordem de Christo, almirante dos Países-baixos encarregado geral dos negocios de Portugal, e sua mulher muito querida D. Catharina Sophia Van Zeller, tanto para

satisfazerem a propria devoção como a dos vizinhos, levantaram este pequeno templo a Deus bom e grande e á pura conceição da immaculada Virgem Mãe de Deus. Edificaram mais as casas juntas para seu repouso e plantaram o jardim. Oxalá que os seus descendentes possam gozar tudo em descanso. A pedra fundamental foi lançada no primeiro dia de maio de 1715 depois da publicação do tratado de paz entre Portugal e Hispanha e no dia 8 de setembro do mesmo anno tiveram lugar na capella os primeiros officios religiosos. Aceita, ó Virgem, estes altares, que te consagramos e não desprezes, Deusa Benigna, a pequena da-diva».

— Sobre a porta principal do palacio de Calhariz lê-se:

Di riposo e di pace albergo vero.

— Sobre o fogão monumental da sala dos veados, do mesmo palacio, ha uma Diana com uns cães atrellados, e num ovulo lê-se:

*Frigora pelle die venatu, nocte camino.
Sint grata silva, sit tibi grata domus.*

— Na architrave de um templo octostylos, no monticulo de um lago da mesma quinta, lê-se:

*Primo Palmelli duce filii tali patre superbientes dicaverunt VIII
id. mai. CDECCCCXLVIII.*

24. Antiquidades a que não póde marcar-se origem conhecida

— Aproveito o lugar, por não ter outro melhor no questionario, para dar noticia de uma lapide ornamentada, que existe no chafariz da aldêa Rica, em Azeitão, cuja procedencia desconheço e nem sei de que fizesse parte. Para o chafariz deve ter vindo em fins do passado seculo.

A lapide é de marmore branco e mede 0^m,88 de largo por 0^m,44 de alto. Como se vê, são dimensões sujeitas ao palmo português. Tem 8 medalhas circulares com suas molduras, que se tocam, e nos intervallos dos circulos uns pequenos florões. Dentro de cada medalha vê-se uma imagem em alto relevo, bem proporcionada ao campo em que foi lançada. As medalhas são em duas linhas sobrepostas. Começando da linha superior e da direita para a esquerda, as figuras são: 1.^a anjo com asas abertas, 2.^a uma ave, 3.^a cordeiro como o *Agnus Dei*, isto é com o lábaro, 4.^a repetição do anjo, 5.^a da ave, 6.^a do cordeiro, 7.^a do anjo, 8.^a da ave.

AZEITÃO



Lapide no chafariz da aldeia Rica



—Sobre o portão da quinta do Visconde de Montalvo, em Alferraz, proxima a Setúbal, está outra lapide igual. Nem uma nem outra foram feitas de proposito para os lugares que occupam, mas aproveitadas para ornamenta-los.

25. Montes fortificados

Na vertente septentrional da serra da Arrabida ha um monte chamado de *Alicide* ou *Olivide*. Parece de uma só pedra, é nu, alveja ao longe como lençol gigante estendido na serra.

É mais vulgarmente conhecido por *Castello dos Mouros*, ou *Jogo dos Mouros*, de umas construcções cyclopicas, que no monte existem, e apresentam toda a rudez dos tempos prehistoricos¹.

A uns 10 metros do cume um paredão de enormes lages, arrancadas da escarpa, formam suporte a um terraço de 50 ou 60 metros de extensão por 6 a 8 de largo. Não se divisam nas lages signaes de instrumento metallico, que servisse para o arranco ou desbaste. O paredão é tecido por camadas horizontaes sobrepostas ensossas. Se pelo norte é inacessivel, pelo sul protege o terrapleno a muralha natural, que fórma a crista do monte.

Nunca alli encontrei cousa que dêsse noticia de estação humana nos tempos mais desviados, como fragmentos de barros, quaesquer instrumentos de sílex, ou objectos semelhantes; verdade é, tambem, que nunca alli fui como explorador, mas apenas por desvio propositado do caminho da Arrabida, ou de passagem caçando.

É tradição, nos que chamam ao monte *Jogo dos Mouros*, que no terrapleno havia umas argollas de bronze, como as do jogo do aro, mas isto vem de envolta com contos tão phantasiosos de mouros e mouras encantadas, que tiram todo o credito á narrativa tradicional.

Poderá ter-se a construcção como lugar fortificado dos mais antigos e incultos habitantes da peninsula da Arrabida.

—O castello de Coima, *castellum Caunæ* «muros de Couna». O viajero, que de Azeitão segue para a Arrabida pelo caminho de El-Carmen, encontra, logo ao sair da aldeia de Irmãos, o *porto de Cambas*, o rasgamento mais cavado da cordilheira de montes, que pelo norte defronta a serra da Arrabida. No fundo do valle corre a estrada a par do ribeiro, e a meio, dirigindo-se ao poente, está o *valle de Coima*, que dá accesso á planura superior. As ribas septentrionaes d'este ultimo valle são penedias cortadas a prumo, algumas das quaes corroi-

¹ Cf. *O Arch. Port.*, II, 320.

das pelo perpassar dos tempos já formam cimbalhas, outras são perfeitas alpendradas. As ribas do sul, cobertas por exuberante vegetação de carvalhos, zambujeiros e espessos carrascaes, formam as escarpas abruptas do monte, cuja cumieira occupa os restos de uma fortaleza e dos muros de cinta de uma extincta povoação.

O monte é escarpado e de difficil accesso pelo norte, leste e oeste. Na maxima parte a rocha nua e talhada a prumo fórma uma muralha natural de alguns metros de alto. No sopé d'esta rocha do oeste encontra-se uma linha de *matmoras* dispostas a pequenas distancias entre si. Era sempre esta a situação dos celeiros arabes, tanto que até os expugnadores de Silves se aproveitaram em 1189 de uma *matmora* para principio da mina, que cavaram por de baixo das muralhas da praça.

A cumieira é chata e vasta, inclinando-se ligeiramente, e alargando-se para o norte. Em toda a sua aresta exterior vê-se o tecido de um muro argamassado, que já se não eleva ao terreno interior.

No extremo sul e mais elevado, estão as ruinas do castello e na ponta, que para alli se alonga, porque faltava a muralha natural dos rochedos, cavou-se um valle, ainda hoje bem visivel. A crista do monte, aqui, por aguda, poucos assaltantes comportaria; todavia, como lugar mais fraco, levantou-se nelle uma torre quadrangular de 9 metros por 6 de face para defendê-lo.

O assento da torre é de rocha branda, e um maciço de alvenaria, especie de talhamar, que reveste os fundamentos para o lado do fosso, pôde fazer crer que a torre soffreu um ataque, no qual os inimigos tentaram solinhá-la, havendo por isso depois de proteger-se-lhe o sopé.

A distancia de uns 30 metros d'esta torre, sobre a escarpa leste, vêem-se restos de outra de menores dimensões e parece que aqui tinha fim o castello; no angulo opposto, um montão de pedras e entulhos mostra ter havido no lugar construcção avolumada, talvez outra torre.

O recinto pôde dizer-se um triangulo de 25 metros de base por uns 40 de altura. Os muros teem 1^m,20 de espessura, e, pelo leste, a distancia variavel de 2 a 5 metros, conforme a disposição da encosta de declive rapido, ha outro muro exterior, que sae do angulo da primeira torre e se extingue proximo da outra extrema. Do lado opposto tambem se encontram restos de muro exterior.

Dentro d'este recinto muralhado um carrascal espesso não permite a exploração do terreno, nem ver fundamentos de mais construcções. Podia ser muito interessante uma exploração alli bem ordenada, porque o castello seria dos demolidos na erupção mourisca de 1191 e nunca soffreu reparação.

Quasi a meio do castello vê-se a cisterna, cuja abobada de alvenaria commun está por terra até aos rins, vendo-se-lhe as fórmulas das tábuas dos simplices, que serviram para o seu tecimento. A cisterna mede 8^m,40 por 6^m,30; tem de alto ao eixo da volta 3^m,40 e ao fecho 6^m,44. É toda aberta em rocha, as paredes são revestidas com emboço ordinario e sobre elle uma camada de cimento composto de cal, saibro e barro cozido reduzido a meudos fragmentos, coberto ainda por um tenue revestimento vermelho, que parece dado a pincel.

A encosta leste do monte é de inclinação rápida, e o valle corre fundo; as encostas do norte e oeste são talhadas quasi a prumo, como já disse, e do mesmo modo são as dos montes fronteiros, formando assim um fosso largo e fundo, que as bestas, virotões e mais armas de arremesso, no tempo usadas, mal poderiam atravessar.

Nos sitios, aonde os muros não assentavam sobre a muralha natural dos rochedos, os fundamentos desciam a encontrar a rocha. Para o systema de guerra usado, Coima era vantajosamente situada: só vulneravel num ponto, e bem limitado, bem se prestava á defeza. Os habitantes circumvizinhos nella encontravam proximo e formidavel abrigo.

A fortaleza, como disse, occupava a parte mais eminente do monte; os muros de cinta da povoação, porém, estendiam-se a todo o planalto, de onde desapareceu por completo todo o material das construcções, encontrando-se apenas por alli cacos de telha e pedaços pequenos de tijolos de argillas de cores diversas. Quem entrar tambem no recinto muralhado da antiga villa de Sezimbra, assento de uma importante povoação e que em fins do seculo XV era apenas decadente, pasmará dos insignificantes restos de tantas habitações, dos paços municipaes, do açougue [mercado], prisão, albergaria, etc.

O castello de Coima collocado naquella monte estava de molde para dar e receber soccorro de Sezimbra e de Palmella, guardava a passagem das forças, que pelo valle do sul se dirigissem a alguma d'aquellas fortalezas, ou que, desembarcadas no Portinho da Arrabida, quisessem pelo porto de Cambas penetrar nas planicies, que se desenvolvem até ao Tejo e dava abrigo de valia e commodo aos habitantes da região circumvizinha. E esta acolhida a recinto fortificado, mesmo d'aquelles que ali não tinham residencia, era facto tão commun em todas as correrias, que na entrada de Abor em 1189 ali foram encontrados em massa os povos circumvizinhos, que experimentaram a dura sorte dos vencidos e o mesmo se deu na tomada de Silves.

O velho castello tem, como todos, as suas lendas e historias de encantamentos, com que as nossas avós á lareira, á noite, entretinham os seus netinhos, em quanto se assava o ovo com a competente cus-

pidella, para que não estallasse, e a applicação da receita, requerida por um netinho bregeirote, a determinada parte da avózinha para evitar tambem os estallos. No repertorio d'estes contos vinha sempre a historia das tres casas subterraneas do *Casal do Bispo*, deixadas pelos mouros, uma cheia de armas, que já fôra aberta [a cisterna], uma com peste e outra com ouro, em que ninguem se atrevia a bolir, porque, dando-se com a da peste, a mortandade seria immensa, a começar pelo explorador.

O monte, e toda a propriedade de que faz parte, é conhecido desde meado do seculo XVI pelo nome *Casal do Bispo*. Era da casa dos marqueses de Villa Real, e em 1545 foi comprado por D. Belchior Bellago, bispo de Fex¹, que, proximo e ao sul do castello, edificou uma casa de habitação, em que residiu, e officinas agrarias, tudo ainda de pé. Em Azeitão ha muito quem desconheça o castello de Coima, mas todos sabem aonde é o *Casal do Bispo*.

Em 1188, pelo testamento de D. Sancho I, ainda o castello de Coima era capaz de ser thesouro real; nelle guardava o rei alguns dinheiros que destinou ao mosteiro de Santa Cruz, aonde quis sepultar-se; e de outros dinheiros que tinha em diversos lugares mandou que se applicasse a quantia necessaria para a construcção dos muros e municionamento de Coima.

Ao nascente da fortaleza derruida, e alem do valle de Cambas, fica um monte conhecido pelo nome *do Facho*. É sabido que os fachos e fumaças eram os meios empregados para a communicação rapida de determinadas noticias e signaes da vista ou approximação do inimigo, e era de certo d'este monte, que se davam avisos a Sezimbra e Palmella, e nelle estavam as atalaias de Coima. Ao nascente do castello de Sezimbra tambem ha um monte *do Facho*, e outro para os lados do Espichel, para noticias e vigia do mar.

A propriedade, em que está o castello derribado pertence actualmente [1896] ao conselheiro Mariano de Carvalho.

26. Castello de Sezimbra

Chama-se hoje castello de Sezimbra não só á fortaleza que está no cume do monte, mas a toda a cêrca de muralhas, que cingiu a velha

¹ D. Belchior Bellago estudou em Paris, foi professor de philosophia no collegio de Santa Barbara, recolheu-se a Portugal antes de meado o seculo XVI, regou uma cadeira de humanidades em Coimbra, professou theologia, e escreveu em latim, fazendo-se notavel pela elegancia da linguagem.

povoação; no entanto bem pôde ainda distinguir-se a cidadella, ou castello, e o recinto fortificado que protegia a villa extincta. Na disposição do conjuncto e nas construcções muito haverá de mourisco. Sancho I teve de refazer o castello, e na torre de menagem a ogiva da abobada com as suas nervuras artesoadas testemunhará a obra do filho de Afonso Henriques.

O castello pousa num cerro pedregoso; o planalto do monte, sôto de todas as elevações circumjacentes, é tão vasto, que ali abrigou população numerosa. Os muros assentam na aresta dos penhascos, ou nas vertentes da cumieira forte por natureza. Na parte mais eminente está a cidadella aonde campeia a torre de menagem carcomida pelos seculos e, orgulhosa do seu valor, cairá sem se dobrar. Tres torres menores guardavam este recinto fechado por altos muros com para-peitos ameaçados e assestirados; duas outras torres protegiam a porta de pleno cimbrio, sobre a qual os defensores podiam combater. Dentro ha uma cisterna quasi totalmente obstruida e algumas paredes da habitação do alcaide derribadas até ao primeiro pavimento.

Os muros da extincta villa ligam-se ao castello, e proxima fica a *porta do sol* aberta ao nascente, como o seu nome indica; é tambem de pleno cimbrio e guardada por duas torres. A muralha segue pequeno espaço para o sul e torneja para o occidente pela aresta da cumiada a entroncar numa alta torre de dois andares, que fechava a villa no extremo opposto ao castello.

Um velho documento falla mais de uma vez na *torre nova* a modo de parecer ser esta a que me refiro, a sua construcção mesmo indicará epocha diversa da torre de menagem.

D'aquella torre o muro retrocede a encontrar de novo o castello, ficando-lhe a meio a *porta da Azoia* igual á *do sol*.

O castello teve uma *poterna*, que daria para o norte; desconhecê-se-lhe já o sitio, mas documentos insuspeitos do seculo XV accusam a sua existencia: Diz um: *Herdade de pão da dita abergaria, que o concelho traz aforada grandes tempos ha para rocio da dita villa a qual herdade já a par da poterna assõ os muros da dita villa.*

Dentro no planalto, que foi assento da velha Sezimbra, ha duas grandes cisternas cavadas na rocha e cobertas de abobada, cuja agua servia para abastecimento dos habitantes da povoação. Fóra dos muros, a um kilometro proximamente, ha uma pequena nascente, que pouco auxilio poderia dar.

Ao nascente do castello ha um monte elevado e que ainda se chama *do Facho*; para os lados do Espichel ha um outro da mesma designação, ambos á vista do castello; eram de certo estações de atalaia e de onde

por almenaras os vigias davam signal dos inimigos, que se aproximavam por terra ou navegavam nas costas do oceano.

O monte que, pelo nascente, mais proximo fica do castello e aonde existe um moinho, construido haverá quarenta annos, é chamado *co-beço da força*; conheci alli dois altos pilares, em que se justificavam os criminosos, julgados pelos juizes da velha Sezimbra.

27. Castello de Palmella

Pretende-se que Palmella venha de longas eras, que fosse restabelecida pelos romanos, e até ha quem queira que Aulus Cornelius Palma a levantasse no anno de Roma 859 [anno de Christo 106] e que do edificader lhe venha o nome.

A. Cornelio Palma foi consul em 89, voltou ao consulado em 109 e neste intervallo teve o governo da Syria, aonde esteve occupado na conquista da parte mais septentrional da Arabia, submettendo-a, tomando Pears e expulsando os seus reis. É isto o que nos diz a historia, mais de crer do que estes genesis inventados para os accommodaticios crentes. O nome parece denunciar origem latina, mas por quantas transformações pôde ter passado para nos chegar *Palmella*!

Palmella, na baixa latinidade, era a formula usada nos mercados, em que comprador e vendedor se davam as mãos direitas em signal de firmeza, ou fé do contracto ou ajuste. *Palmella* seria tambem, o que agora se diz *punhado*, *mão cheia*, de sal, de linho, ou outra cousa. *Palmella* seria *Palma pequena*, segundo alguns para differença de Palma na Andaluzia, edificada, conforme os mesmos, pelo mesmo consul romano¹.

Em nenhum autor latino encontro noticia do castello de Palmella e nem uma palavra sequer de referencia. As legiões romanas não se encaminhavam para estas partes, e a fortaleza, se já era levantada, seria estação de algum presidio militar para conter em respeito os

¹ [Além do citado personagem A. Cornelio Palma, ha ainda outros do mesmo nome na historia antiga: vide De Vit, *Onomástico*, s. v. «Cornelius»; mas de nenhum d'estes se pôde dizer que provenha o nome de PALMELLA. Este nome é, como com razão lembra o Sr. Rasteiro, mero diminutivo de *palma*, como *Covella* o é de *cova*, *Quintella* de *quinta*, *Mesquitella* de *Mesquita* e outros muitos. No nosso onomástico existe ainda outra PALMELLA, e além d'isso: PALMINHA, PALMEIRA, etc.; vide a *Chorographia do reino de Portugal*, de J. M. Baptista, «Indice», s. v.—J. L. DE V.]

povos circumvizinhos, ou policiar o *Promunturium Barbaricum* — península da Arrabida.

Palmella não ponde celebrar-se por qualquer feito de armas, por isso restou no silêncio e terá a mesma razão de ser a escassez de noticias da vizinha cidade littoral correspondente á moderna *Troia de Setúbal*, importante outr'ora pela sua situação marítima e de certo pelo seu commercio e pescarias, como attestam as suas reliquias sepultadas nas dunas do oceano ha quasi quinze seculos.

Os monumentos arabes conhecidos, que tão poucos são, não nos fallam tambem de Palmella, mas é certo que existia, e guarnecida, a fortaleza no seculo XII, como consta das velhas chronicas portuguezas. A proximidade e valor de Al-kassar e Lichbouna diminua-lhe a importancia; todavia, como chave da península, que se lhe estende a poente, não deixaria de ser fallada nos escriptos arabes e d'ahi poderiamos alguma cousa saber de Palmella, se os christãos no seu odio aos islamitas, e os escriptores indigenas, querendo fazer chronicas milagreas, não houvessem destruido quantos monumentos arabes poderam colher.

A fortaleza de Palmella, como a de Sezimbra, póde dividir-se em duas partes distinctas: castello ou cidadella ao poente, e o restante recinto murado que abrigaria a povoação. Para simples presidio militar toda a cêrca é demasiado vasta; e a ausencia total de construcções veustas nas vizinhanças, e nem sequer restos, são indícios de que aquelles muros, que coroum todo o môro fortificado, cingiam o castello e guardavam a povoação. Quando mais tarde já não havia a temer das algaras e correrias inimigas e talvez, porque superabundasse, a população veio-se escapando para fóra das muralhas, mas, sempre cautelosa, não deixou a sombra dos muros protectores, e é de crêr, que a construcção da casa de Sant'Iago e o estabelecimento dos cavalleiros e freires alli lançasse para fóra dos muros os habitantes, que lá restassem.

A igreja de Santa Maria, posta a par do castello, mas fóra do seu recinto, mais faz suppôr que se lhe queria dar o necessario amparo, quando vencida a povoação, em cujo ambito demorava.

Cuido que alguma cousa ainda existe de primitivo, naquellas construcções, mas muito ha de refeito em epochas diversas. As torres ou cubellos circulares, saindo dos pamos da muralha e distanciadas a tiro de besta, fallar-nos-hão dos romanos; as torres quadrangulares fallar-nos-hão dos arabes; a torre de menagem alterosa e elegantemente singella e forte, com as armas de Portugal sobre a cruz floreteada, testemunha-nos a epocha de Avis. Das fortificações modernas juxta-

postas para uso do canhão dá-nos noticia a lapide, que existe sobre a porta de entrada da fortaleza.

Na muralha refeita a oeste d'esta porta ha materiaes procedentes da desmantelada e vizinha igreja de Santa Maria.

Os castellos de Palmella e de Sezimbra, isto é, o conjuncto de fortificações sobre os montes, assemelham-se nas suas disposições geraes. No cerro mais elevado a cidadella, montão de muros torreados, com a sua torre principal, em que haviam de encerrar-se e ter-se até fim os ultimos defensores; na extremidade opposta uma torre grande, mas menos consideravel do que a de menagem, ligando em si as muralhas, que naquella ponto se aproximam, formando um angulo agudo, cujo vertice a torre trunca. Em Sezimbra conservam-se as antigas disposições da cidadella, em Palmella foram alteradas pela reconstrução da torre de menagem e outras obras posteriores. Palmella tem só uma porta e, no lado opposto, uma poterna; a porta, porém, já não é flanqueada por torres, ajustando-se-lhe outro systema de defesa, não tanto propriamente á porta, como embaraçante da entrada do inimigo.

As duas velhas fortalezas, que eu mais tenho como povoações acastelladas, são mais conhecidas pela designação de castellos, despejadas, como estão, de habitações e habitantes; todavia as doações reaes aos cavalleiros de Sant'Iago mencionam castellos e villas, e até o padroado das igrejas que alli se encerravam.

As cisternas de Palmella são famosas, e bem se distinguem as antigas das modernas. Dentro do recinto muralhado estão de pé as paredes da casa dos espatharios, a sua igreja abandonada á ruina; a habitação do prior-mór, que o templo separava do mosteiro; e restos da igreja de Santa Maria, que já em 1736 ameaçava perigosa ruina, pelo que o patriarcha de Lisboa mandou celebrar os officios religiosos na ermida de S. João. O terramoto de 1755 lançou por terra a igreja. No recinto do castello ha uns aquartelamentos, que não denunciam grandes annos; mas, descobertos já os pavimentos superiores, vão-se desmoronando.

28. Torres

Torres, ou habitações fortificadas, parece que as houve nestes sitios. Na cordilheira de montes, em que assenta Azeitão e vae até Palmella, ha propriedades cujos nomes fazem crer na existencia de torres nestes sitios, mas, de tal modo aniquiladas, que nem vestigios deixaram.

Perto de Villa-Nogueira ha a *quinta da Torre*, cabeça de um morgado instituido por Ruy Gomes da Grã. A velha habitação dos senhores era num lugar elevado, mas um incendio ali por 1830 destruiu-a;

no pateo da casa existia, não ha ainda muitos annos, um buraco no chão e que se dizia communicar com um subterraneo da torre. Nunca o vi, mas a pessoa, que o affirmava, era de tanta verdade e despreoccupada de invenções historicas, que não posso duvidá-lo.

—Mais a leste, no lugar em que se partilhavam os concelhos e commendas de Sezimbra e de Palmella, ha uma quinta, cabeça de um morgado ainda ha pouco na administração dos marqueses das Minas, chamada *quinta da Torre*. Houve alli uma habitação senhorial, de que restam apenas algumas pedras. A sua queda deve ser anterior ao seculo xvii, porque logo nos primeiros annos D. Antonio de Sousa e sua mulher D. Maria Telles de Meneses residiam na casa da quinta da Boa-Vista, na aldeia de Camarate, aonde lhes nasceu, primogenito, D. Francisco de Sousa, 1.º marquês das Minas e 3.º conde do Prado, baptizado em S. Simão de Azeitão a 17 de outubro de 1615, que tão brillantemente fez as campanhas da restauração e a embaixada de Roma em 1670.

Um documento authenticco de 1434, fazendo a delimitação dos velhos concelhos de Palmella e de Sezimbra, diz e d'aquí se vai directamente aguas vertentes pela serra a fundo ter á torre que foi de Affonso Lobo e ali está um marco ao pé da torre da parte do poentes.

Mais tarde os senhores do morgado levantaram uma casa grande, mas sem nobreza de fórmas, no mesmo lugar, e o marco, a que o documento atrás se refere, ficou em meio da cozinha servindo de pé a uma mesa.

Das palavras *pela serra a fundo* poderá deprehender-se que a torre seria na planicie, ou no valle; mas não, a torre era na quebrada, que formam os montes chamados hoje de S. Francisco e de Santo Ovidio, das capellas, cujas ruinas existem, da vocação d'estes santos.

Assim como na cozinha se dava o facto estranho de pertencer a dois concelhos, do mesmo modo a ermida de Santo Ovidio (tambem chamada de Santa Helena) tinha a capella-mór na freguesia de Santa Maria, concelho e commenda de Palmella, enquanto o restante da igreja ficava na freguesia de S. Simão, commenda e concelho de Sezimbra e ultimamente [desde 1759] concelho de Azeitão. Esta partilha deu causa a questões entre os parochos das duas freguesias, porque se um não queria que o outro officiasse para os seus fregueses, o de Palmella não permittia que o de S. Simão celebrasse nos limites da sua parochia. O caso foi resolvido pelo prelado a favor do parcho de Santa Maria de Palmella.

—Mais a leste, proximo da *Fonte do Sol*, sobre a mesma cordilheira, ha uma propriedade chamada *das Torres Altas*.

29. Factos históricos das fortalezas de Coima,
Sezimbra e Palmella

Do castello de Coima apenas ha noticia pelo testamento de Sancho I. Este testamento é dos annos 1188 e nelle declara o rei ter certos dinheiros no castello de Coima, a que dá determinada applicação, e d'outros dinheiros, que noutras partes tinha arrecadados, destina o rei alguns para os muros de Coima e municionamento de seu castello.

O encontro de Affonso Henriques com as forças, vindas em soccorro de Sezimbra, foi á vista do castello de Coima, a um ou dois kilometros dos seus muros; no entanto desconhece-se o papel, que naquella successo desempenhou a sua guarnição.

Parece haver sido destruido pela invasão musulmana de 1191, e não consta que depois fosse reparado.

O castello de Sezimbra seria abandonado pelos arabes em 1147, quando Lisboa caiu, e não se sabe se foi occupado pelos christãos. Os arabes, quando de novo se apossaram do sul do Tejo, guarneceram-no, assim como Palmella, e não deixariam sem presidio Coima e Belmonte, porque estas quatro fortalezas formavam a linha de defeza do trato de terreno ao sul do Tejo, em frente de Lisboa.

Desordens intestinas não permittiam aos arabes occupar-se acuradamente dos negocios da parte mais occidental de Andaluz [Hispanha] e o rei português ponde em 1158 apoderar-se de Alcacer, deixando, porém, atrás de si e em poder do inimigo a peninsula da Arrabida. As difficuldades continuaram nos arabes. Em 1163 algumas tribus tinham-se insurreccionado e em 1164 um chefe arabe commandava na Andaluzia um exercito de rebeldes colligados com christãos.

Em principios de 1165 Affonso Henriques achava-se em Alcacer, aonde teve noticia de que Sezimbra e Palmella estavam fracamente presidiadas. Sem detença partiu a sorprendê-las, e, conforme seu uso e tactica, passou através dos inimigos sem ser aperecebido, e foi atacar Sezimbra, aonde menos podia ser esperado, por confiar na guarda dos castellos fronteiros de Belmonte, Palmella e Coima. Sezimbra sustentou-se algum tempo, dando lugar a que de Badajoz marchassem forças para socorrê-la; todavia teve de render-se no dia 21 de fevereiro.

Em quanto se ajustavam as bases da capitulação, o rei português não deixou sair do espanto os inimigos, nem esfriar o enthusiasmo dos seus soldados, e partiu a fazer um reconhecimento sobre Palmella, seguindo o valle na faldá norte da serra da Arrabida. Ao sul do castello de Coima, Affonso Henriques topou de frente com forças numerosas, que aqodadas marchavam em soccorro de Sezimbra, cuja queda desconhe-

ciam; o rei português aproveitou a desordem e fadiga da marcha dos inimigos e não vacillou em atacá-los. Tão poucos são os cavalleiros christãos, que os arabes supõem ter na frente apenas as avançadas portuguezas, e preparam-se para receber o choque do grosso do exercito; todavia Affonso Henriques carrega-os com tanto ardor, que não os deixa ordenar, nem desenvolver, o sitio por accidentado e coberto de matas espessas ajuda-o, e a derrota do exercito mourisco não se faz esperar, seguidas de tantas perdas que nem pôde reforçar Palmella obrigada a capitular no dia 24.

No valle da Victoria, perto de El-Carmen, teve fim o combate de Affonso Henriques com as forças saídas de Badajoz, como é tradição constante. A piedade christã, attribuindo o successo ao auxilio da Virgem, levantou no sitio uma pequena capella a Santa Maria da Victoria. Os restos do singelo templozinho são já apenas uns pedaços de paredes levantados do chão alguns palmos.

— Durante o cerco de Lisboa pelo exercito de D. João I de Castella, forças portuguezas, com as quaes se achava o Condestavel, guardavam Palmella. Certo dia Nuno Alvares, determinando surprehender Almada, aonde commandava Pedro Sarmiento, tomou com os seus a estrada de Azeitão, pelo valle, chamado hoje do Pécheleiro, na falda septentrional da serra da Arrabida. Era longo o caminho, mas assim evitava ser presentido por uma guarda de 30 cavallos, que estacionava em Coima, junta ao rio, e podia surprehender os castelhanos. A noite era tenebrosa, os guias pouco praticos e assim, transviados, acharam-se os soldados de Nuno Alvares, ao romper da alva, á vista de Sezimbra. Não perdeu o general de todo as esperanças de exito, e, fazendo apressar os seus cavalleiros, pôde entrar Almada, de onde voltou por Coima, caminho de Palmella, com optimos despojos que distribuia pelos seus soldados. Á noite grandes fogos accesos no castello deram noticia a Lisboa de que o dia corra propicio ás armas portuguezas. O mestre de Avis dos paços de Lisboa correspondeu illuminando com tochas uma varanda, que avistava Palmella. Entretanto Nuno Alvares, com o arrojo que lhe era tão proprio em todas as occasiões, fez-se caminho de Lisboa, atravessando o Tejo num batel por entre a frota castelhana, que não podia suppôr tamanho atrevimento.

— No mais baixo da torre de menagem do castello de Palmella ha um vão, como que cisterna, mas sem agua, nem encanamentos, que lh'a dirigissem: aqui foi encerrado o bispo de Evora, D. Garcia de Meneses, cúmplice de alta traição com o duque de Vizeu, que se propunham assassinar D. João II. O bispo poucos dias ali teve vida, suppondo-se ter sido envenenado.

—Como dentre dos muros de Palmella ainda se vêem as ruínas da casa e igreja dos cavalleiros de Sant'Iago, darei resumida notícia do estabelecimento da Ordem alli, em Alcacer e em Mertola.

O castello de Palmella, com o territorio que lhe era dependente, foi doado á Ordem de Sant'Iago, juntamente com Alcacer e Almada, em 28 de outubro de 1186. Em 1193 ainda os cavalleiros não seriam em Palmella, mas em fevereiro de 1194 já alli se achavam, porque Sancho I doa a ermida de Santos, em Lisboa, a D. Soeiro Rodrigues, *commendador de Palmella*, a D. Christoforo prior e freires. Em 1210, pelo testamento do mesmo rei, o *commendador de Palmella* teve um legado de 5:000 morabitinos. Em 9 de dezembro do mesmo anno a doação do que o rei houvesse na Adiça é feita ao mestre D. João Fernandes, *ao commendador de Palmella e ao capitulo do mesmo lugar*.

É bem sabido que a Ordem de Sant'Iago tinha a sua séde em Castella, e que só posteriormente os cavalleiros portugueses tiveram mestre independente. Nos primeiros tempos os cavalleiros de Portugal, ou em serviço neste país, estavam sujeitos ao commendador da commenda séde do convento; por outra fórma, a commenda, em que estava o convento, era conferida ao cavalleiro que, com delegação do mestre, commandava os cavalleiros portugueses, ou que estavam servindo em Portugal.

Ao commendador Soeiro Rodrigues seguiu-se Martim Paes Barregan, que se tornou notavel na organização das forças contra Alcacer em 1217, e tanto se celebrizou á frente dos seus cavalleiros na famosa carga dada pela cavallaria das Ordens do Templo, de S. João e de Sant'Iago contra os agarenos.

Entregue Alcacer á Ordem de Sant'Iago logo em seguida á expugnação, Martim Barregan deixou a commenda de Palmella pela de Alcacer, aonde o convento já se achava no dia 27 de Janeiro de 1218, conforme uma doação de Affonso II a Martim Paes, commendador de Alcacer, a Gonçalo Mendes, chanceller e ao capitulo da Ordem.

O foral de Setubal, de 1249, ainda é datado de Alcacer.

Em 1254 já os espatharios estavam em Mertola e d'aqui datam o foral da povoação.

Em 1329 os cavalleiros estavam de novo em Alcacer; foi na igreja de Santa Maria *hu se sõe fazer cabidos*, que teve lugar a eleição do mestre português D. Garcia Pires.

Em 1415, por morte do mestre Mem Rodrigues de Vasconcellos, coube o logar supremo da Ordem ao infante D. João, com o titulo de governador. Foi este que projectou a volta do convento para Palmella.

Fallecendo em 1442, succedeu-lhe seu filho Diogo, que no anno seguinte lançou a primeira pedra nos fundamentos do templo, que, muito destruido, ainda está de pé dentro dos muros da velha Palmella. O infante D. Fernando, filho de D. Duarte, ainda foi eleito em Alcacer; deu-se por então grande desenvolvimento ás novas edificações da igreja e mosteiro, mas só tiveram fim sendo governador o principe D. João, filho de D. Affonso V. O convento passou para a sua nova casa e estabeleceu-se definitivamente em Palmella a 26 de outubro de 1482 e aqui se conservou até á extincção das ordens religiosas em 1834.

30. Fortalezas prisões de estado

—O castello de Palmella já disse ter sido prisão do bispo de Evora no reinado de D. João II.

—A torre do Outão está situada na faldia sul da serra da Arrabida, junta ao mar, para defesa da foz do Sado. Parece haver tido principio no reinado de D. João III, que, nas instruções dirigidas em 1533 ao mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, lhe dizia: *Vereis a torre, que se deve fazer no cabo do Outão, quanto custará.*

No tempo de D. Sebastião foram-lhe melhoradas as fortificações.

Em 1580, pela invasão castelhana, estava *fortificada á moderna* com tres cavalleiros pequenos e artilhada com 37 canhões, tinha a necessaria guarnição sob o mando de Mendo da Motta e achava-se de fresco aprovisionada de mantimentos e petrechos de guerra pelo Prior do Crato. Ignacio Rodrigues Velloso com uma arca e dois galeões bem artilhados occupava a barra do Sado, que devia defender oppondo-se á armada do marquês de Santa Cruz. No entanto os navios portuguezes covarde ou traçoeiramente abandonaram o seu posto e as naus castelhanas, protegidas por espessa nebrina, puderam aproximar-se do Outão ao tempo que as baterias, arrojadamente estabelecidas em terra, mettião a fortaleza de baixo de uma chuva de pelouros. Setubal dera-se já ao estrangeiro e Mendo da Motta, depois de valente resistencia, foi obrigado a capitular, saindo, porém, da praça em liberdade com a guarnição reduzida a setenta soldados. Era o dia 24 de Julho. D. João de Molina tomou o governo da fortaleza pelo castelhano.

Em 1640 a torre do Outão, depois de oito dias de cerco, entregou-se no dia 17 de Dezembro ás forças portuguezas commandadas por João Gomes da Silva, que lhe deixou por capitão Antonio de Moura.

D. João IV depois augmentou as fortificações, lançando o conde da Ericeira a primeira pedra para as novas baterias em 30 de Julho de 1643 e só concluida em 1657.

Pela conspiração do marquês de Villa-Real, foi encerrado na torre de Outão Gonçalo Pires de Carvalho e depois Mathias de Albuquerque, general das forças do Alentejo.

Em seguida aos successos de 1758 serviu a torre de prisão a D. Filipe de Sousa, Calhariz. Documentos á vista mostram-no alli preso em 22 de Março de 1760 e ainda em 25 de Janeiro de 1766; a 21 de Dezembro do mesmo anno vejo a licença para a venda de uma emphyteusis e o recibo do laudemio já datado do castello de S. Filipe, aonde se achava ainda em 20 de Janeiro de 1774. Não era atroz, como se pretende, o captiveiro, porque lhe dava lugar a occupar-se mesmo dos mais pequenos negocios de sua casa.

Em Dezembro de 1766 o conde da Ega, Manoel de Saldanha de Albuquerque, que voltava do vice-reinado da India, e o seu secretario, desembargador Belchior José Vaz de Carvalho, foram presos logo ao fundear no Tejo e encerrados na torre do Outão. O vice-rei esteve alli 20 meses incommunicavel, tendo de prisão 2 annos e 17 dias. Em 23 de Dezembro de 1768 foi-lhe concedido livrar-se sóto, estando quasi cego em consequencia de um ataque forte de opthalmia, e sain para a sua casa da Junqueira no dia 27 do mesmo mês e anno, aonde falleceu a 6 de Dezembro de 1771. O desembargador Vaz de Carvalho foi sóto algum tempo antes do vice-rei, mas só absolvido em 19 de Abril de 1777; a viuva do conde da Ega tambem alcançou a absolvição de seu marido em 26 de Janeiro de 1779.

— O paço dos Aveiros em Azeitão, custodia dos jesuitas.

— É bem sabido que a Companhia de Jesus tomou larga parte na conspiração de 1758 contra D. José I. O rei, que não temeu quebrar os privilegios da mais alta nobreza dos seus estados e devolver-lhos embrulhados numa sentença de morte, parou ante as immunidades ecclesiasticas. Cabeças de grandes senhores rolaram no cadafalso e nem um tonsurado sequer d'esta epocha tem o seu nome inscripto no martyrologio da celebre Companhia. Malagrida acabou na fogueira, mas foi para alli conduzido pelos da sua classe, e ainda se lhe não ponde formar o processo de beatificação. O bispo de Coimbra, frei Miguel de Annunciação, o chefe da Jacobea e dos sigilistas, o fanatico intransigente, foi apenas encarcerado e ainda ponde gozar do triumpho e ser tido como martyr pelos energumenos seus sequazes. O governo do rei José, finalmente, accusado de tanta crueza para com os conspiradores de 1758, foi de benevolencia extrema para com os jesuitas, dando-lhes por custodia o palacio dos duques de Aveiro em Azeitão.

A carta regia de 19 de Janeiro de 1759 mandava aos chancelleres da Casa da Supplicação de Lisboa e da Relação de Porto, que custo-

diassem os jesuitas dos seus districtos nas casas que a Companhia tivesse nas povoações mais consideraveis. Tantos eram, porém, no reino os jesuitas, que as vastissimas casas professas, collegias e noviciados de Lisboa ficaram logo abarrotando d'elles. Aos que chegavam do Alentejo, e a alguns de Lisboa, foi-lhes dado o palacio dos Aveiros por lugar de reclusão.

A guarda da custodia foi confiada ao desembargador Agostinho de Novaes Campos, de uma familia de Azeitão, e grande seria a confiança depositada no sujeito para se lhe entregar tão importante depósito, dependente de tanta pendencia e sagacidade. O desembargador dispendia *camerariamente*, como elle se expressa no seu testamento, as quantias necessarias para a sustentação decente dos reclusos, que tinham ao seu serviço medico, barbeiro e cozinheiro pagos pelo estado.

Porque ás vastas salas do palacio faltavam todas as condições para um seguro encerramento, um corpo militar permanecia ás ordens do desembargador para o auxiliar na custodia dos padres.

Dos primeiros jesuitas não foi longa a reclusão no palacio. Na noite de 16 para 17 de Setembro de 1759 saíram da custodia de Azeitão 133 jesuitas, que, em seges escoltadas por cavallaria, seguiram até á margem esquerda do Tejo; em Coima passaram para barcos e, guardados por infantaria, foram para bordo do brigue S. Nicolau, que, abundantemente provido de viveres, os foi depor em Civitta-Vecchia. Quatro barcos tinham conduzido para bordo do brigue as bagagens dos jesuitas.

Seriam estes todos os habitantes da casa, mas não tardou a renovar-se-lhe a população, pois logo vieram chegando outros padres de diversas partes do reino e das possessões portuguezas de além-mar. Em 1767 ainda havia jesuitas custodiados no palacio dos Aveiros: ao desembargador Campos, morto em 1765, tinha succedido na guarda dos padres o juiz de fôra de Azeitão, dr. Agostinho Machado Faria.

Por simples curiosidade e para se poder julgar da fecundidade da celebre Companhia de Jesus, farei ao correr uma nota dos jesuitas vindos das possessões portuguezas na Asia, na America e na Africa.

De Goa saíram para o reino 127 em 19 de Dezembro de 1760; de Macau 24 em 22 de Março de 1763; de Din, de Damão e de Moçambique numero que não posso precisar; do Rio de Janeiro e de Pernambuco vieram 317 e da Bahia 177; da ilha da Madeira fez o conde de S. Vicente recolher a Portugal bom numero de padres da Companhia. Já por este esboço rapido se poderão avaliar as forças do exercito de que o geral de Roma dispunha nos dominios do rei D. José e que o governo d'este poudo dispensar.

Modernamente inventou-se, que dos reclusos 31 por 73 se finaram de tanto penar nas cadeias de Azeitão. É falso. Nem um só aqui morreu. Os livros do registo parochial não accusam um obito sequer de jesuita. Ainda conheci gente, que fallava da custodia d'estes padres como de cousa do seu tempo, ou muito proxima, sem dar noticia de maus tratos, ou mortes, e a tradição do povo ainda hoje não accusa nenhuma cruza, nem menciona a custodia como cousa fóra do ordinario encerramento.

Os obitos, que podem ter relação com a prisão dos jesuitas no palacio dos Aveiros são — *do comprador dos padres da Companhia*, registado assim no obituario parochial de S. Lourenço; durante a custodia falleceu repentinamente o desembargador Campos, encarregado d'aquella commissão de serviço real; substituiu-o o dr. Agostinho Machado Faria, que passados alguns annos foi mysteriosamente assassinado, sem que pudesse até hoje descobrir-se o auctor do crime.

Azeitão, Agosto de 1894.

JOAQUIM RASTEIRO.

Museu Municipal de Bragança

1. Projecto do Museu

«Nestes ultimos tempos tem-se desenvolvido muito entre nós o amor pelos estudos archeologicos, dando origem á criação de grande numero de museus, tanto publicos como particulares, aonde se vão reunindo todos os objectos da antiguidade que se encontram dispersos.

E bem é que os trabalhos da archeologia vão tendo o desenvolvimento que merecem, e que haja ainda quem se interesse em não deixar perder esses thesouros de subido valor para a historia de um povo e para o estudo da sua arte. A archeologia ministra ao homem muitos meios para a comprovação directa de innumerous factos que lhe servem de valiosos auxiliares para conhecer o meio em que vive e a historia do seu pais.

E, alem da utilidade que tem como fonte subsidiaria da historia e das leis da arte, ella é ainda um esplendoroso campo de recreação para o espirito, levando-nos pela observação das ruinas e dos objectos antigos á contemplação do passado; põe-nos em contacto com elle, e habilita-nos a bem podermos avaliar dos caracteres, vida, usos e costumes do povo a que pertenceram.

Sobejos motivos ha, pois, para que os homens mais cultos na sciencia historica e que mais se interessam para bem conhecerem o passado

do país, em que vivem, sejam incansáveis em procurar e reunir, em todos os seus recantos, todos os vestígios da antiguidade, que a ignorância ou a incuria tem no completo abandono.

E devemos dizer a verdade, que mal se explica como em Bragança, capital de um districto, onde as preciosidades archaicas são tão interessantes e em tão grande numero, não se tenha, até hoje, criado um museu municipal, á imitação do que tem feito muitos municipios como Santarem, Elvas, Extremoz, Figueira, Lagos, Faro, etc., não fallando nos do Porto e Lisboa, aonde se fossem reunindo todos esses objectos, que, mesmo nas suas immedições, se encontram em tanta profusão.

A criação de um museu municipal em Bragança impõe-se, portanto; é uma necessidade que a illustração e o character dos brigantinos não devem deixar por muito tempo de satisfazer, a não quererem incorrer nas justas censuras do mundo culto.

Não é a despesa que deve prender os representantes dos municipios, por isso que ella em pouco poderá importar, se se attender a que o musen se deve ir formando pouco a pouco, com a reunião dos varios objectos, á medida que se forem encontrando, e que a vontade dos individuos leve a offerecer para os tornarem conhecidos e evitar que se percam ou se deteriorem. Basta reservar uma pequena sala do edificio da camara aonde elles se vão juntando e colleccionando.

E d'esta maneira, em toda a occasião, haverá ensejo para apreciar sem muito trabalho os elementos archeologicos, ethnographicos, anthropologicos e de historia natural, pois de tudo deve conter, de todo o concelho e até do districto. Assim deve compôr-se de collecções de moedas, objectos prehistoricos, esculpturas, brasões, inscripções latinas e portuguezas, etc.; de instrumentos de lavoura, trajes caracteristicos, instrumentos musicos,apparelhos de caça e pesca, etc.; de cranios encontrados nos campos, esqueletos, collecção de cabellos, etc.; e finalmente amostras de madeira, productos agricolas, variedades de rochas, animaes embalsamados, etc.

Os museus locais, formados nestas condições, são indispensaveis para realizar um dos principios mais importantes da sabedoria, o nosce te ipsum. — ALVARO LOPES.

(Do Norte Transmontano, n.º 85, de 29 de Outubro de 1896).

2. Criação do Museu

«Em o n.º 85 do nosso modestissimo semanario, foi publicado um artigo do intelligente e illustrado tenente de caçadores 3, sr. Albino



Lopo, mostrando a utilidade e vantagens que para esta cidade adviriam com a criação de um museu municipal.

Como tudo que visa a engrandecimento e progresso parece que em Bragança só encontra o ecco do ridiculo, não supposemos, nem sonhámos sequer, que a ideia expendida pelo distincto official merecesse a minima parcella de consideração, do que resultaria ficar só elle com a gloria da exposição d'essa ideia tão nobre e, sobre todos os pontos, tão aproveitavel.

Enganámo-nos, porém, e nisso temos extraordinario prazer.

A camara municipal, attendendo ás razões ponderadas nesse mesmo artigo, e sob proposta do vereador *Sebastião dos Reis Macias*, resolveu, na penultima sessão, e por unanimidade, a criação immediata de um museu, numa das salas dos paços do concelho — enquanto não se torne indispensavel arranjar um edificio apropriado — onde se vão armaseando e colleccionando todos esses objectos que se encontram dispersos e perdidos por esta região, e que tanta luz podem derramar no estudo da archeologia, paleontologia, anthropologia, ethnographia, numismatica, em todas as sciencias, artes e industrias, finalmente, tanto antigas como modernas.

Nós, que ainda temos uma parte nessa gloria, alem de felicitar-mos o illustre vereador proponente, cuja boa obra será immorredoura, bem como a toda a vereação, que tão bem soube comprehender a importancia e nobreza da approvação d'essa proposta, que traduz a verdadeira ideia do progresso e civilização do povo brigantino, congratulamo-nos com todos os nossos patricios pelo valiosissimo melhoramento com que esta cidade acaba de ser dotada; pois não só nos vem despertar o amor pelo estudo, mas ainda nos garante a estabilidade d'esses preciosos monumentos que nos esclarecerão sobre os usos, costumes e religião dos varios povos que, em tempos remotissimos, habitaram a provincia de que somos filhos.

Honra, pois, a todos os obreiros da sciencia, ou que concorram para o seu desenvolvimento!

(Do *Norte Trazmontano*, n.º 87, de 13 de Novembro de 1896).

Foi em sessão ordinaria de 4 de Novembro de 1896 que se realizou a criação do Museu. Eis a parte da respectiva acta que se refere á criação:

«Deliberou tambem a camara, por proposta do vereador sr. Macias, organizar um museu archeologico em uma sala dos paços do concelho, enquanto não obtenha edificio proprio; recolhendo-se e colleccionando-se alli os objectos que para esse fim foram offerecidos á camara.

Presentes á sessão: Luis Ferreira Real, vice-presidente; Pedro Augusto Lobo, vereador; Sebastião dos Reis Macias, vereador; Herminio Augusto Pereira, vereador; José Diogo de Moraes, vereador. O secretario da camara *Luis Manuel de Amaral*.

Nota—No orçamento organizado para o anno de 1897 foram votados 200,5000 réis para as despesas do museu.

3. Congratulação da Camara do Mogadouro

«Para mostrarmos aos nossos estimaveis leitores a maneira como foi recebida no districto a criação do museu municipal d'esta cidade, apresentaremos a acta de uma sessão da camara municipal do concelho de Mogadouro relativa ao mesmo museu:

«Acta da sessão ordinaria celebrada pela camara municipal do «concelho de Mogadouro em 12 de dezembro de 1896—Logar respectivo—Por ultimo foi presente á camara o officio do digno presidente da camara municipal de Bragança, em que sollicita o auxilio «d'esta camara para contribuir por todos os meios para o desenvolvimento do museu archeologico districtal ultimamente criado por aquelle «municipio. A camara, inteirada do assumpto, e tendo em consideração «que a moderna escola historica é a base mais segura para o estudo «dos problemas sociologicos, nascidos especialmente do actual desenvolvimento da sciencia anthropologica e ethnographica, e sciente de «que a orientação social mais segura para a remodelação das differentes «instituições de um povo dimana da sobredita escola, deliberou por unanimidade prestar todo o auxilio ao recente museu, colleccionando todos «os elementos prehistoricos e historicos de mais ou menos valia para o «referido estudo, e remettendo-os apenas sejam obtidos, ao excellentissimo presidente d'aquella municipalidade. Outrosim deliberou, que se «lhe remetteste copia d'esta acta na parte respectiva, que fica sendo a «resposta ao seu referido officio. Presentes á sessão: Francisco José «Bartholo, vice-presidente; Eduardo Ernesto Faria, administrador; «Paulo Manuel Cordeiro, Martinho José Felgueiras e Manuel José Pinto, «vereadores. Simão José Alves, secretario.»

Por aqui vêem, não só a camara de Bragança, mas todos os brigantinos, que a criação do museu municipal é, bem que o não pareça,

um grande melhoramento; já porque dá ideia de um povo civilizado em toda a acceção da palavra, já porque ha de fazer convergir para esta cidade as vistas dos homens de sciencia, que, mais tarde, podem concorrer para o seu engrandecimento e progresso.»

(Do Norte Transmontano, n.º 94, de 1 de Janeiro de 1897).

4. Primeiras aquisições do Museu

«É agradável ver como por toda a parte foi recebida a noticia da criação do Museu. É grande o numero de pessoas de todas as classes que tem mostrado a melhor vontade em concorrer para o seu engrandecimento. E da nobre classe artistica da cidade ha tudo a esperar para que a *secção das artes* seja condignamente representada, indo cada um deixar no *museu da sua cidade* um exemplar de um artigo da sua lavra, que mostre o seu genio, a sua habilitade, a perfeição e esmero do seu trabalho, e fique sendo ao mesmo tempo monumento visivel e palpavel para estudo, e ennobrecimento da terra.

Ahi vae a relação dos objectos que já, ha offerecidos ao Museu, e o nome dos que os offereceram, sendo certo, que segundo os elementos que temos, dentro em pouco tempo ha de possuir muitos mais, e alguns de grande merecimento historico.

Secção de archeologia.—O Ex.^{mo} Sr. Fonseca, de Outeiro, distincto amador de numismatica, offereceu ao nosso Museu 73 moedas de cobre, quasi todas portuguezas, e algumas de grande merecimento.

O nosso Ex.^{mo} amigo João Horta offereceu 5 moedas de cobre portuguezas.

O Ex.^{mo} Sr. Antonio Bernardo Teixeira offereceu uma moeda romana de prata encontrada em Vinhaes.

O Sr. tenente Albino Lopo deu para o museu uma moeda de ouro visigothica; 9 moedas de prata portuguezas, algumas de merecimento; 3 moedas de cobre romanas, sendo uma encontrada nas ruinas da Devesa de Villa Nova; 37 de cobre, portuguezas, pertencentes a diversos reinados; e uma de cobre dos reis de Leão encontrada no Castro de Avellãs.

Para esta mesma *secção*, o Sr. tenente Lopo offereceu uma mó romana, encontrada no Castro de Avellãs, e um *amuleto* achado junto da fortaleza da Villa.

O nosso Ex.^{mo} amigo e distincto alferes de caçadores 3, Mergulhão, mandou para o Museu, para exposição, 23 moedas, sendo 17 de cobre, quasi todas portuguezas; 4 de prata, sendo 3 portuguezas e 1 latina;

e uma *panoplia* constituída de interessantes e historicos objectos de Africa de grande merecimento.

O Ex.^{mo} Sr. José Julio Chaves de Lemos, distincto amador de numismatica, offereceu para o Museu 17 moedas, sendo 11 de cobre, em que se fazem notar 3 romanas pelo seu valor estimativo; e 6 de prata, em que apparece um *real branco* e outras bastantes curiosas.

O Ex.^{mo} Sr. Amaral, digno secretario da camara, e um trabalhador para o engrandecimento do Museu, deu a este 2 moedas de cobre, sendo 1 romana muito curiosa e encontrada nas ruínas do antigo castello de Alfandega da Fé.

O nosso amigo o Ex.^{mo} alferes de caçadores 3, Mario Aragão, deu ao Museu uma moeda de 1754 (X réis).

O Dr. Norberto, meritissimo delegado da comarca:—4 moedas de prata, sendo uma romana do tempo de Augusto, e uma bella amostra de *crystal de rocha*.

O reverendo abbade de Baçal, Francisco Manuel Alves, grande conhecedor e amador dos estudos archeologicos:—73 moedas, sendo 14 de prata e algumas romanas de muito valor estimativo, e as restantes de cobre, romanas tambem algumas, mas a maior parte portuguezas; um livro de missa, illustrado, de vinte e cinco millimetros de comprimento por quinze de largura e seis de espessura; uma espora antiquissima: um machado de pedra da *epocha neolithica*; 2 fragmentos de tijolo romano, apresentando um vestigio de ornatos; dois fragmentos de louça grosseira romana; 7 amostras lindissimas de *cristas de rocha*; 3 amostras de minas de ferro, e um frasco contendo duas larvas bastantes notaveis.

Tenente Lopo:—alguns fragmentos de louça romana encontrados nas ruínas da Deveza de Villa-Nova.

Accacio Pereira:—uma moeda de cobre do tempo dos Philippes, e carimbada depois de 1640, encontrada junto das muralhas da Villa.

O Dr. Sergio Carneiro, meritissimo delegado na comarca de Carrazeda: uma linda photographia do *dolmen* do Villarinho, da referida comarca.

Antonio Joaquim Soeiro, 2.^o sargento de caçadores 3: 3 moedas, sendo uma de prata e as restantes de cobre, portuguezas e hispanholas, encontradas em Castello-Branco, do Megadouro; e uma amostra de uma *mina de chumbo*, encontrada no sitio dos Olgos, termo da mesma povoação.

Manuel Maria Rodrigues, estudante do Seminario: uma interessante moeda de cobre romana, encontrada na mesma povoação de Castello-Branco.

Engenheiro Olympio de Oliveira Dias: uma moeda de prata hispanhola de 1756, encontrada na rua do Conselheiro Eduardo Coelho.

Aurelio Maria de Moraes Calado, distincto e illustrado amador de objectos archeologicos: 3 bellos exemplares de *machados de pedra da epocha neolithica*, encontrados no termo da Bemposta, do Mogadouro; um fragmento de *machado de cobre*, encontrado no mesmo termo; e 3 moedas de cobre, duas portuguezas e uma hispanhola.

Manuel de Mariz de Baçal, estudante do Seminario: uma espinhorda de pederneira.

Secção de historia natural.—O Ex.^{ma} Sr. M^os Teixeira deu para o museu um bello exemplar de minerio de pyritede ferro encontrado numas escavações que se fizeram ao Moinho dos Padres, ao Sabor.

(Do Norte Transmontano, n.^{os} 93, 94, 95 e 96, de Dezembro de 1896 e de 1, 8, e 15 de Janeiro 1897).

Além dos objectos mencionados, tem-se já archivado outros no Museu, entre elles uma lapide funeraria romana, provida da povoação de Castro de Avellãs (publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5652).

5. Regimen provisório do Museu

«Na sessão da camara de 4 do corrente mês, deliberou a camara, por proposta do vereador Sr. Sebastião dos Reis Macias, approvar para regimen provisório do museu, as seguintes instrucções, em quanto se não proceda á organização do respectivo regulamento:

1.^o O pessoal do museu é constituido, por um director, um secretario e um guarda;

2.^o O director será um dos vereadores ou qualquer individuo extranho á camara, por ella convidado para exercer este lugar, quando tenha prestado reconhecidos e revelantes serviços ao Museu e resida na localidade;

3.^o Desempenhará as funcções de secretario o secretario da camara ou um amannense por elle nomeado;

4.^o O serviço do guarda será desempenhado por um zelador;

5.^o O desempenho de todos estes serviços é gratuito, podendo a camara, comtudo, gratificar, quando assim o entenda, o secretario e o guarda;

6.^o Na ausencia de qualquer d'estes individuos a camara providenciara á sua substituição, provisoria ou definitivamente, de modo que estejam sempre preenchidos os lugares;

7.º O director é responsavel para com a camara por todos os artigos existentes no museu. Devo promover o seu engrandecimento, superintender em todos os serviços respeitantes ao Museu, e annualmente elaborará um relatorio circumstanciado do movimento, propondo os melhoramentos que julgar convenientes para o seu desenvolvimento;

8.º O secretario é responsavel para com o director pela existencia, arrecadação e conservação de todos os artigos do Museu; devendo coadjuvâ-lo em todos os serviços e fazer a escripturação;

9.º O guarda desempenha os serviços que lhe forem ordenados pelo director e secretario; e conserva em estado de asseio a sala do Museu;

10.º O Museu estará patente ao publico todos os domingos e dias santificados, desde o meio dia ás tres horas da tarde, sendo a entrada gratuita; e a igual hora ás quintas feiras, pagando cada visitante 50 réis para custeamento das despesas do Museu.

*

Deliberou tambem a camara nomear para director do museu o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, por ser o cavalheiro que maiores e mais relevantes serviços tem prestado ao Museu; para secretario, o d'esta camara; e para guarda o zelador sr. Pereira.»

(Do Norte Transmontano, de 12 de Fevereiro de 1897).

6. Considerações geraes

Preferi transcrever na sua integra os precedentes artigos, a resumilos. Por elles verão immediatamente os leitores como a ideia da fundação de um Museu Municipal em Bragança germinou e expandiu.

São dignos dos maiores louvores: o Sr. tenente Albino Pereira Lopo, o Sr. vereador Sebastião dos Reis Macias com os seus collegas da Camara, a redacção do *Norte Transmontano*, os primeiros doadores de objectos ao Museu, numa palavra, todos os que por qualquer modo contribuíram para a criação e principio d'este.

Quando numa localidade existem assim pessoas illustradas, que se interessam pela patria e pela sciencia, ha tudo que esperar d'ellas.

Como director do Museu Ethnographico Português e redactor d-*O Archeologo Português*, não posso deixar de applaudir intimamente, e com todo o enthusiasmo, o que acaba de succeder em Bragança.

É natural que tão sympathica como util instituição não fique só em comêço, mas se desenvolva successivamente. Os estudos archeolo-

gicos são em verdade muito attrahentes: por meio d'elles pomon-nos em relação com as gerações de que proviemos, prestamos um tributo de respeito á sua memoria, sentimo-nos cada vez mais solidarios com a terra em que nascemos, admiramos os esforços do espirito humano para progredir, e de tudo isso tiramos força e estímulo para nos não deixarmos morrer de preguiça.

Bragança, como capital de districto, e centro de grande área archeologica, merecia realmente um museu: este enriquecer-se-ha logo que, como já das noticias ha pouco transcritas se vae vendo, para elle convirjam as attensões de todos os que prezam a Terra Trasmontana, e desejam vê-la engrandecida. Em 1869 dizia, a respeito do territorio de Bragança, o sabio professor berlinês e patrono nato de todos os estudiosos da archeologia portuguesa, o Sr. Dr. Emilio Hübnér no *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 349: *tota vero regio hanc adhuc desiderat peregrinatorem aliquem doctum, qui ejus monumenta quasi e tenebris eruat*: «toda esta região necessita ainda de que algum douto a percorra, e como que arranque das trevas os monumentos d'ella». Depois de 1869 já alguma cousa se fez a bem da archeologia bragançana, como o provam os estudos de J. Henriques Pinheiro e Borges de Figueiredo: quanto porém não falta que fazer ainda! Aos que se interessam pelo novo Museu abre-se, pois, largo campo de que podem tirar muito fructo.

Com quanto todas as epochas da archeologia portuguesa sejam interessantes, e haja necessidade de as estudar por mendo, todavia as que mais se impõem são as mais antigas, como a romana e a pre-romana, por conterem as origens, e estarem mais arriscados a desapparecerem totalmente os monumentos que d'ellas restam. Chamo por tanto para ellas em particular a attenção do Sr. tenente Pereira Lopo e dos seus dedicados amigos. O districto de Bragança está cheio de *castros*: nelles e nos arredores podem encontrar-se muitas preciosidades scientificas; o caso é proceder sempre com methodo na colheita. Perto da cidade não conheço antas, mas é provavel que as haja, como noutros pontos da provincia: a exploração de uma anta é de ordinario productiva, quando feita com todas as precauções e cautellas; instrumentos de pedra neolithica, dos mesmos tempos das antas, encontrar-se-hão com facilidade já no campo, já na mão dos aldeãos que os guardam quasi sempre como amuletos ou *pedras de raio*. Em Bragança ha um monumento pre-romano muito notavel; refiro-me á *porca* que serve de base ao pelourinho da villa. Inscriptões e outros monumentos romanos descobrem-se ás vezes a fazer parte de muros de casas ou de templos, como muitas vezes os tenho descoberto: qualquer officio-circular neste sentido, dirigida pela Ex.^{ma} Camara aos reverendos parochos e a

outras pessoas de consideração, produzirá por ventura algum resultado proficuo.

A julgar do que diz Viterbo no *Elucidario*, 1, 187 sqq., a actual cidade de Bragança não é muito antiga, pois data do tempo de D. Sancho I, que a fundou dentro da área da quinta de Bemquerença, que pertencia ao mosteiro de Castro de Avellãs. Esta quinta ficava num territorio extenso chamado BRAGANÇA, nome que depois se conservou limitado á nova povoação. O nome BRAGANÇA é muito antigo, e pôde sem dúvida estabelecer-se a forma que devia ter na epocha luso-romana, isto é, *Brigantia¹. Na antiga geographia e historia da Europa ha outros nomes apparentados com este², como: *Brigantia* ou *Brigantium* na Galliza, *Brigantion* na Rhécia, *dea Brigantia* na Irlanda, nomes que, segundo os especialistas, são de origem celtica; nas Asturias havia tambem uma cidade de nome *Brigaccium*, que provavelmente se relaciona tambem com os precedentes (*Brig-aec-ium*). Alguns AA., levados da apparencia phonetica, tem imaginado que o nome da cidade de Bragança corresponde ao *Brigantium* da Galliza; mas tal não é. Assim como hoje ha no nosso país várias terras com o mesmo nome, por exemplo *Montemor*, *Vianna*, *Cadaval*, *Porto*, *Castello*, tambem antigamente succedia o mesmo; na Hispania havia, para não ir mais longe, umas poucas de Eboras. A repetição dos nomes dá-se sobretudo quando elles na origem foram communs, como parece ser o caso de *Brigantium*, e por tanto da nossa *Brigantia, pois a cidade gallega de *Brigantium* chamou-se tambem *Iuliobriga*, forma em que entra o radical de *Brigantium* (i. e., *Iuliobriga* = *Julio-briga*): se os povos da epocha em que o nome *Brigantium* foi substituído por *Iuliobriga* não tivessem consciencia da significação contida em *Brigantium*, não se teria formado o composto *Iulio-briga*. Estes e outros factos, como *Augustobriga* (= *Augusto-briga*), são pequenos documentos da coexistencia, durante certo tempo, das linguas indigenas da Península com o latim, que finalmente as vencen e substituiu; não os vi ainda apontadas, e por isso os noto.

Ainda que a cidade de Bragança data só, como parece, da idade-média, o seu territorio data, como vimos, de mais longe: se este territorio tinha nome, — que era *Brigantia —, ali morava gente e havia

¹ Entre *Brigantia e Bragança houve a forma intermédia *Bregança*. O povo ainda hoje no distrito diz *Brègança*, como muitas vezes lá ouvi pronunciar.

² Vid. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, 1, s. v.

povoados. A *porca* do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella. Que interesse não adviria para a sciencia em buscar os outros restos da pre-romana *Brigantia!

O Museu ali está fundado: que elle contenha d'aqui a pouco os materiaes indispensaveis para se poder recompôr nas suas linhas geraes a historia primitiva do territorio bragangano, são os meus mais ardentese desejos.

J. L. DE V.

Estudos sobre Panoias

Pelo que escrevi no *Arch. Port.*, I, 38, 39 e 271, sabem os leitores que em Panoias, freguesia de Valle de Nogueiras, ou Vallongueiras, perto de Villa Real de Trás-os-Montes, ha uma importante estação archeologica luso-romana, que tem merecido, desde o seculo XVIII, o aprêço e enuidado dos estudiosos.

Já por pedidos particulares a individuos influentes da localidade, já por um appêllo que no *Arch. Port.*, I, 271 e 272, dirigi á Ex.^{ma} Camara Municipal, tenho procurado conseguir que aquella estação seja convenientemente resguardada, e salva da completa destruição que a ameaça: por ora ainda nada obtive!

Em quanto o camartello do pedreiro não estraga tudo, irei aqui inserindo uma serie de estudos, a ver se, mostrando claramente a importancia dos monumentos, as pessoas a quem compete superintender nelles se resolvem a acudir-lhes.

1. Cavidades abertas em fragas

Que na estação de Panoias se realizavam cultos pagãos, não ha dúvida nenhuma, pois as inscripções o dizem; mas seria ella só destinada a esse fim? Eis o que não poderá saber-se, sem se proceder primeiro a algumas investigações.

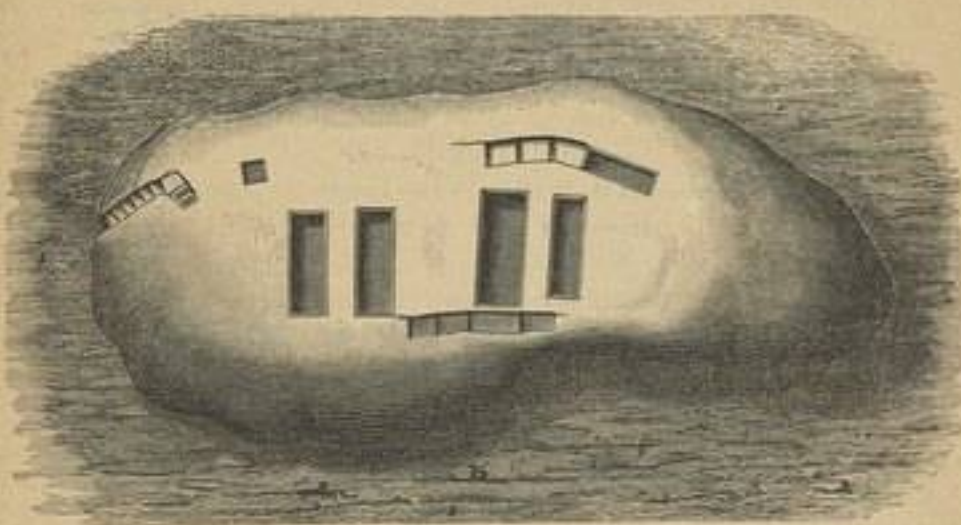
Do relatorio do sr. engenheiro João Henrique von Hafe, a que me referi no *Arch. Port.*, II, 249, extráio a seguinte noticia:

«Copiei tambem, por estar mal representada na obra do Contador d'Argote, uma fraga, na qual se encontram cinco grandes cavidades rectangulares com rebordos destinados a receber lages ou tampas; não pude descobrir nenhuma d'essas tampas. Sobre essa fraga ha um

systema de sulcos abertos na rocha, que impedem a entrada das aguas pluvias no interior das cavidades».

Esta noticia era acompanhada de uma estampa que reproduzo na figura junta.

No *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, 3.ª serie, pag. 51-53, publicou o Sr. Gabriel Pereira outro artigo, com estampas, á cêrca dos fraguados de Panoias.



2. Inscripção greco-romana

Em alguns dos rochedos graniticos em que abunda aquelle local foram insculpidas inscripções sagradas, — uma em grego com umas palavras latinas, e outras completamente em latim. Todas estas inscripções estão já publicadas, mas imperfeitamente, em virtude da difficuldade da leitura.

A inscripção grega é dada assim no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2395-c, aproximada á versão de Argote:

ΥΥΙCΤCΥCΙW
 ΠΙΔΙCΥΓΓΝΡΟ
 ΟΗΚΑΙΜΥCΤΟ
 ΠΙCΙG·G·C·CΑLP·
 ΡVFINVS·V·C·

Argote diz que estes caracteres não são latinos, nem gregos, nem hebraicos, nem de outras linguas orientaes, nem tambem punicos—considerando-os por isso como ibericos¹; o inglez W. Kingston, numa descripção que fez de Panoias, chamou-lhes «unknown characters»²; já porém na *Bibliotheca Universal de la Polygraphia Española*, de Rodriguez & Nassarre, Madrid 1738, pag. xii (prologo), se diz que elles são gregos,—e o mesmo nota o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, loc. laud. Mas a inscripção, tal como está, é illegivel.

Em 1895 estive em Panoias, e copiei d'esta maneira a inscripção:

Y Y I G · T Ω C.....
 Π I Δ I C Y N F N R O
 A I M Y C.....
 RIO... C·////C·CCALP
 R V F I N V S V · C ·

Esta cópia não me satisfaz de modo nenhum, e espero voltar a Panoias para proceder a novo estudo; todavia julguei dever publicá-la assim mesmo, porque pôde ser que, entre tanto, outro investigador, mais feliz que eu, a complete.

Os pontos indicam que naquelles lugares ha letras sobre cujo valor tenho dúvidas. Tambem não tomo a responsabilidade do final da 2.^a linha.

Talvez a parte grega legivel da inscripção possa transcrever-se provisoriamente do modo seguinte:

Υψιστη Σ.....
 τιδι σιν.....
 [x]ai πυσ[τη].....
 ριστ.....

O resto é um nome latino: C. C. Calpurnius Rufinus, r(ir) c(larissimus) [ou r(ot) c(ompos)?]³.

¹ *Memorias de Braga*, I, 354.

² *Insitavian sketches, of the pen and pencil*, Londres 1845, pag. 350.

³ Conhecem-se outros exemplos de mistura de texto grego com latino, sobretudo sendo este constituido por nomes de pessoas: vid. *Corpus Inscriptionum Graecarum*, vol. III, Berlin 1853, pag. 1036, 1038, 1045, 1270, etc.

Tradução presumível:

«Ao muito alto S...pis¹, no mesmo tempo a..... e aos mysteries: C. C. Calpurnio Rufino, etc.»².

Se todas as inscrições e as outras pedras historicas de Panoias merecem que a Ex.^{ma} Camara Municipal volva para ellas olhos de misericordia, mandando-as resguardar, esta inscrição reclama sobretudo especiaes cuidados, por ser unica no seu genero em Portugal.

J. L. DE V.

A archeologia em Evora

Cursos escholares.—Monumentos nacionaes

Ainda não ha muitos annos não se fallava, senão por excepção, em Archeologia e pouca attenção se dava aos monumentos e aos objectos antigos, que, por vezes, appareciam num ou noutro ponto das localidades. Depois da propaganda encetada pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, coadjuvado pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes (de que foi, até ao seu fallecimento, Presidente), os estudos archeologicos tem-se desenvolvido, e como consequencia tem sido chamada a attenção de muita gente para as investigações archeologicas, o exame e a conservação dos monumentos e dos objectos que pertenceram aos nossos antepassados, que nos vem dos tempos decorridos.

No pais tem-se instituido *Cursos de Archeologia* nos Seminarios de algumas dioceses³, e mesmo alguns Prelados, como o sr. Bispo de Beja, tem composto livros elementares para o ensino d'esta sciencia⁴.

Entretanto, em Evora, cidade antiga, cheia de edificios notaveis, de obras monumentaes, aonde a cada passo se encontra uma antiqua-lha, e aonde a cada sitio está ligada uma lenda ou annexo um facto

¹ ὕψιστος, no dativo ὕψιστῳ, era um qualificativo que se dava aos deuses: *muito alto, altissimo*. A syllaba -σις pôde ser terminação do dativo de um nome divino acabado no nominativo em -σις ou -σι.

² Poder-se-hia pensar que a última lettra da primeira linha com as quatro primeiras da segunda fizessem parte de uma palavra tal como ἱερῶν: (*a Scrupis*); mas não sei se a pedra dará isso.

³ Veja-se no *Arch. Port.*, I, pag. 17, 92 e 310.

⁴ *Elementos de archeologia e iconographia christã*, por D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Bispo de Beja. Coimbra 1887.

historico; em Evora, que é um verdadeiro depósito de antiguidades, e possui um museu importante, cousa alguma se fazia, depois do fallecimento do mallogrado Dr. Augusto Filippe Simões, em defesa e conservação das suas preciosidades archeologicas.

O erudito e benemerito Arcebispo de Evora, D. Frei Manuel do Cenaculo Villa Boas¹, que foi o fundador da riquissima bibliotheca de Evora, legou uma importante collecção epigraphica², que constitue hoje com outros objectos, posteriormente recolhidos, o *Museu Cenaculo*, e igualmente deixou, com a bibliotheca, grande numero de preciosidades archeologicas que com muito trabalho e despesas reunira na sua residencia.

Mais tarde Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Augusto Filippe Simões, ambos medicos, ambos professores do Lyceu e bibliothecarios em Evora, continuaram a obra de D. Frei Manuel do Cenaculo, fazendo investigações archeologicas, dando noticias dos resultados encontrados, fazendo reviver a historia dos edificios da cidade e chamando a attenção para os seus monumentos.

Fallecido Filippe Simões parecia, a não serem os escriptos de Gabriel Pereira³, que o movimento iniciado por Cenaculo tinha cessado, que pessoa alguma continuaria a enriquecer o Museu Cenaculo com novas acquisições ou trataria de propagar os conhecimentos archeologicos, criando defensores e conservadores do muito que ainda possuímos em materia de Arte, deixados pelos nossos antepassados. Felizmente apparece-nos o Sr. Arcebispo de Evora (D. Augusto) a determinar o ensino de noções de Archeologia e Iconographia christã no Seminario, e a chamar a attenção dos Parochos da sua Archidiocese para a conservação das suas Igrejas e das suas alfaías; assim como, recommendando-lhes que deem noticia, ao Conservador da Bibliotheca de Evora, do apparecimento, nas suas Parochias, de quaesquer objectos de arte, de importancia archeologica, quando não possa obter d'elles cedencia para a secção archeologica da mesma bibliotheca.

Igualmente apparece o Sr. Conservador da bibliotheca, Dr. Thomás Gomes Ramalho, dirigindo circular ás Camaras do districto a sollicitar a sua coadjuvação para o augmento do seu Museu, quer pela cedencia

¹ Governou a Archidiocese de Evora desde 1802 até 1814.

² Sobre esta collecção ha umas noticias do Dr. Augusto Filippe Simões; nos *Estudos Eborenses*, do Sr. Gabriel Pereira, vem ella transcripta.

³ O Sr. Gabriel Pereira, Director e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, é natural de Evora e autor dos *Estudos Eborenses*, trabalho muito importante sobre Evora e que se continúa.

de qualquer objecto que tenha, quer, do futuro, pela remessa de alguma cousa que appareça no concelho, quer promovendo o offerecimento d'ella á Bibliotheca, quando o apparecimento se dê em terreno particular¹.

Da *Provisão* do Sr. Arcebispo de Evora transcreveremos para aqui um trecho em que se regulam alguns assumptos relativos aos estudos ecclesiasticos do Seminario²:

«6. Na Theologia Pastoral, a proposito do cuidado que ao Parocho incumbe da conservação, accio e decóro do templo e das consas sagradas, dará o respectivo Professor a seus alumnos algumas noções elementares de Archeologia e Iconographia christã, que habilitem os futuros Parochos a conhecer os estylos e epochas principaes da architectura religiosa e a apreciar o valor historico ou artistico dos edificios, das imagens, dos objectos de ourivezaria e em geral das alfaías do culto, a fim de poderem com maior auctoridade oppor-se a possiveis deturpações ou demolições inscientes e vandalicas, e evitar a alienação ou extravio de objectos valiosos por sua antiguidade ou merecimento artisticos».

Estes dois felizes acontecimentos marcarão uma epocha na historia de Evora.

Muito temos que esperar d'esta evolução que se vae notando pelo país, embora vagarosamente, e bom será que a Commissão dos Monumentos Nacionais a active, a fim de cedo se colherem os beneficos fructos.

C. DA CAMARA MANOEL.

Estatueta romana de Hercules

Em 1860 appareceu no alto do Pico de Santa Tecla, na Galliza, fronteiro ao monte do Crasto, no Minho, uma estatueta romana, que figuro na pagina seguinte.

¹ A Circular do Sr. Conservador da Bibliotheca de Evora, datada de 4 de Dezembro de 1896, foi publicada no *Diario do Alentejo*. A circular do Sr. Arcebispo de Evora, datada de 21 de Dezembro de 1896, foi publicada no *Manuelinho de Evora*. [Vid. *O Archeologo*, II, pag. 278 sqq. e 282 sqq., onde a primeira circular se transcreve na integra, e da segunda se transcreve o trecho propriamente archeologico. — J. L. na V.]

² A *Provisão* é datada de 30 de Setembro de 1896.

É de cobre ou bronze, bastante oxydada. Tem de altura 0^m,18; de largura nos hombros 0^m,5. Estava debaixo de uma penha sobre o lado do norte. Pertence ao Sr. D. Joaquim Angel, da Guárdia¹.

Representa, como se vê, Hercules nu, barbado, e com uma faixa (diadema ou mais provavelmente corôa) em volta da cabeça; na mão esquerda tem tres pomos (os pomos da lenda das Hesperides); do membro superior direito resta só o braço e parte do ante-braço (na mão direita, se ainda existisse, deveria ver-se a maça).



Analogas a esta, embora um pouco mais perfeitas e mais complexas, são as figuras publicadas por Montfaucon em *L'antiquité expliquée*, I, est. CXXIX, n.º 2; e Roscher no *Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, I, 2179.

D'esta estatueta se disseram já algumas palavras no *Archivo Vianense*, I, 61-62, e na *Revista Lusitana*, II, 288.

J. L. DE V.

¹ Devo estas informações, e o desenho d'onde se fez a gravura, ao meu amigo Sr. Dr. L. Figueiredo da Guerra, redactor do *Archivo Vianense*, e muito conhecedor das antiguidades do Alto-Minho.

APPENDIX

THE FOLLOWING TABLES GIVE THE RESULTS OF THE ANALYSES

OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF STEEL

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF IRON

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF CAST IRON

ANALYSES OF STEEL

TABLE I

ANALYSES OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF STEEL

ANALYSES OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF IRON

ANALYSES OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF CAST IRON

THE FOLLOWING TABLES GIVE THE RESULTS OF THE ANALYSES

OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF STEEL

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF IRON

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF CAST IRON

THE FOLLOWING TABLES GIVE THE RESULTS OF THE ANALYSES

OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF STEEL

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF IRON

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF CAST IRON

THE FOLLOWING TABLES GIVE THE RESULTS OF THE ANALYSES

OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF STEEL

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF IRON

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF CAST IRON

THE FOLLOWING TABLES GIVE THE RESULTS OF THE ANALYSES

OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF STEEL

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF IRON

AND OF THE SAMPLES OF THE VARIOUS TYPES OF CAST IRON

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	15500 réis.
Semestre	750
Numero avulso.....	160

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.